



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA- UNIPAMPA
CAMPUS BAGÉ
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E
RESPECTIVAS LITERATURAS**

LUANA DE REZENDE PIRES

**A HERANÇA DE UMA MEMÓRIA: RELATOS DE UMA VERDADE
O ENCONTRO HISTÓRICO DE ANGOLA COM A SAUDADE E A REALIDADE**

Bagé

2015

LUANA DE REZENDE PIRES

**A HERANÇA DE UMA MEMÓRIA: RELATOS DE UMA VERDADE
O ENCONTRO HISTÓRICO DE ANGOLA COM A SAUDADE E A REALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do grau de licenciada no curso
de Letras – Português e Respectivas
Literaturas da Universidade Federal do
Pampa – UNIPAMPA.

Orientadora: Prof. Dr. Miriam Denise Kelm

BAGÉ

2015

LUANA DE REZENDE PIRES

**A HERANÇA DE UMA MEMÓRIA: RELATOS DE UMA VERDADE
O ENCONTRO HISTÓRICO DE ANGOLA COM A SAUDADE E A REALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do grau de licenciada no curso
de Letras – Português e Respectivas
Literaturas da Universidade Federal do
Pampa – UNIPAMPA.

Monografia defendida e aprovada em:
Banca examinadora:

Prof. Dr. Miriam Denise Kelm
Orientadora
Curso de Letras – Unipampa

Prof. Dr. Professora Dra. Lúcia Maria Britto Corrêa
Curso de Letras- Unipampa

Prof. Dr. Professora Dra. Zíla Letícia Goulart Pereira Rêgo
Curso de Letras - Unipampa

Dedico este trabalho às memórias de meus familiares.

AGRADECIMENTO

Escrever os agradecimentos é sentir arrepios, nó na garganta, lágrimas escorrendo, é um entrelaçamento de emoções. Meu sorriso está sempre presente em meu rosto e é com ele que tenho a sensação de dever cumprido.

Deus escolheu um caminho longo para eu seguir, com muitas tempestades e em muitas flores encontrei espinhos. Porém, foram essas dificuldades que me ensinaram a ser mais forte e que a vitória só vem para os que não desistem. Não vou mentir e dizer que nunca pensei em desistir, pensei por muitas vezes em desistir, mas a cada dificuldade, o sabor da vitória era mais doce.

Agradeço a cada pessoa que fez parte da minha trajetória acadêmica. Agradeço aos que acreditaram na minha vitória, mas agradeço também aos que duvidaram, pois pude mostrar do que sou capaz.

Minha amada família agradeço por serem meus alicerces, pelo amor, pelo carinho e pela dedicação.

Minha mãe, meu porto seguro, minha rainha, obrigada pela pessoa maravilhosa que és, por me ensinar o verdadeiro sentido da palavra mãe.

Minha filha Sophia, princesa que chegou inesperadamente e hoje é a peça fundamental da minha vida.

Ao meu marido, meu amigo, meu companheiro, pela compreensão, pelo incentivo e pelo apoio em diversos momentos em que estive ausente, nas incansáveis noites em que cuidou sozinho da nossa filha. Obrigada meu amor.

Aos meus avós maternos por acreditaram em mim e me apoiarem com suas palavras de amor, de carinho e de força.

Aos meus avós paternos que compartilharam suas histórias, fazendo assim com que esse trabalho se realizasse.

Ao meu pai, que mesmo distante me ensinou a sorrir por mais doloroso que fosse o tombo.

À minha querida orientadora, professora Dr^a Miriam Kelm, por toda paciência, cuidado e atenção.

A todos os professores que participaram da minha formação nesses anos de graduação, especialmente aos professores; Zila Rêgo, Lúcia Corrêa, Moacir Camargos, Alessandro Bica meus exemplos. Obrigada pelo apoio, pelo carinho, e pelo conhecimento compartilhado.

Quero agradecer aos projetos em que tive a oportunidade de participar durante a minha trajetória acadêmica: PIBID (Projeto Institucional de Bolsas de iniciação à Docência), NULI (Núcleo de Formação do Leitor Literário), coordenados pela professora doutora Zíla Rêgo; PET (Programa de Educação Tutorial), coordenado pela professora Dr^a Carolina Fernandes. Projetos estes que contribuíram na minha formação docente e que agregaram conhecimento indispensável a minha futura carreira na licenciatura.

Aos meus queridos colegas, que posso hoje chamar de amigos, Helgair, Douglas, Maria Eduarda, João e Ana Katia. Joias preciosas que a universidade me presenteou.

*A viagem não começa quando se percorrem as distâncias,
mas quando se atravessam as nossas fronteiras interiores.*

Mia Couto

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a relação entre memórias, traumas e a estreita ligação com as obras literárias e as pós-memórias, de angolanos-portugueses que estiveram presentes na guerra colonial entre Portugal e Angola nos anos entre 1960 e 1975. O trabalho foi elaborado a partir de pesquisas bibliográficas interseccionadas e contrapostas com fragmentos de relatos familiares, tendo a guerra colonial e a partida forçada de Angola como temática. Neste trabalho estabeleceu-se, então, um elo entre memórias e literatura. Assim, é possível analisar as diversas maneiras com que a guerra afetou as pessoas e os conturbados sentimentos ainda presentes em suas vidas. Desta forma, também podemos entender e comparar os traumas e as marcas da guerra nas memórias de testemunhas e nas representações dos conflitos nas obras literárias aqui estudadas. Os romances estudados foram *O Retorno* (2013), de Dulce Maria Cardoso, *Teoria Geral do Esquecimento* (2012) de José Eduardo Agualusa e o conto *Ngola Kiluaje*, presente na obra *Filhos da Pátria* (2001), de João Melo. Nossa hipótese aponta que o entrelaçamento entre memória e literatura é essencial na formação de identidade e na formação de identidade do sujeito pós-colonial em especial.

Palavras-chave: Memória; Pós-Colonização; Pós-Memória; Literatura.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the relation between memories, traumas and the close connection with literary works and post memories of Angolan-Portuguese that were part of the Colonial War of Angola in the decades of 60 and 75. This work was elaborated from a bibliographic research intersecting and contrasted with fragments of family reports, having the Colonial War and the forced departure from Angola as the theme. The present work establishes, then, a link between memories and literature. Thus, it was possible to analyze the various different ways the war affected people and the disturbed feelings that are still present in their lives. Thereby, we are also able to understand and compare the traumas and marks from the war in the memories of witnesses and in the representation of the conflicts in literary works here studied. The novels studied in this paper were *O Retorno* (2013), written by Dulce Maria Cardoso, *Teoria Geral do Esquecimento* (2012), written by José Eduardo Agualusa and the tale *Ngola Kiluaje*, present in the book *Filhos da Pátria* (2001), by João de Melo. Our hypothesis points that the interlacement between memory and literature is essential in the identity's constitution, especially of the postcolonial individual.

Keywords: Memory; Post-Colonialism; Post-Memory; Literature

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. “CUMPRIU-SE O MAR E O IMPÉRIO SE DESFEZ”: A DISSOLUÇÃO DAS COLÔNIAS PORTUGUESAS NA ÁFRICA	14
2.1 OS MOVIMENTOS INDEPENDENTISTAS DE ANGOLA	17
2.2 A VISÃO DOS PORTUGUESES SOBRE O CONFLITO	18
2.3 CONFLITOS DE VIDA E DE GUERRA.....	19
3. RELATOS DE UMA HISTÓRIA MARCADA NA ALMA	21
4. MEMÓRIA, IDENTIDADE E PÓS-COLONIALISMO: DE QUE FORMA ESTÃO PRESENTES NAS OBRAS LITERÁRIAS.....	30
4.1 O <i>RETORNO</i> , DE DULCE MARIA CARDOSO.....	30
4.2. <i>TEORIA GERAL DO ESQUECIMENTO</i> , DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA.....	33
4.3. <i>NGOLA KILUANJE</i> , DE JOÃO MELO.....	37
5. O SUJEITO PÓS-COLONIAL E SUAS MEMÓRIAS	41
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	50
ANEXOS.....	53
ANEXO 1: DEPOIMENTO DE M. H. (TIA-AVÓ)	54
ANEXO 2: DEPOIMENTO DE M.C. (TIA-AVÓ).....	55
ANEXO 3: FRAGMENTOS DE DEPOIMENTO EM ÁUDIO (AVÔ).....	67

1. INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto de que buscar a si mesmo é traço marcante e doloroso, durante um processo constante de uma reorganização e uma renovação de fronteiras geográficas, históricas, políticas, ideológicas e culturais, a literatura reflete e compartilha essa busca, que é perpassada pela linguagem, pelo narrar-se. A fragmentação do sujeito contemporâneo e do mundo reflete-se na literatura contemporânea. Ainda, esse trabalho insere-se dentro dos estudos de literatura de expressão portuguesa. Nessa pesquisa vou explorar dois romances e um conto que tratam da temática pós-colonial e da memória. Trabalharei com o romance da portuguesa Dulce Maria Cardoso chamado *O Retorno* (2013) e com *Teoria Geral do Esquecimento* (2012), do angolano José Eduardo Agualusa. Além disso, vou deslindar um conto que integra o livro *Filhos da Pátria* (2001), do angolano João Melo. No entanto, essa pesquisa não se deterá somente em obras literárias. Trabalhar-se-á também com relatos de memórias de testemunhas oculares de eventos que marcaram o século XX.

Na atualidade, a questão de identidade passou a ser questionada pelo sujeito descolonizado. As literaturas angolana e portuguesa do período pós-colonial apresentam afinidade ao estabelecer uma identidade ao mesmo tempo africana e portuguesa, mas que mantém a individualidade de cada país. O foco de estudo deste trabalho é o efeito da descolonização, ocorrida em Angola, ao se tornar independente de Portugal, na década de 70. Mais precisamente em 11 novembro de 1975. A descolonização fez com que os colonizadores portugueses e seus descendentes tivessem que retornar para Portugal ou buscar outros espaços, como, por exemplo, o Brasil.

A escolha por trabalhar com este assunto surgiu ao longo de minha trajetória acadêmica e das minhas experiências familiares. Minhas leituras foram feitas como acadêmica do Curso de Letras na Universidade Federal do Pampa, na cidade de Bagé-RS, nas disciplinas de Literaturas Lusófonas. Pude observar textos literários que abordam o tema da colonização portuguesa e da descolonização, refletindo a guerra colonial. Observei também as diversas cicatrizes que esse período deixou em seus ocupantes e descendentes.

Desse modo, o presente trabalho se propõe a analisar fragmentos de memórias de angolanos-portugueses, por meio de relatos orais e de testemunhas oculares, que estiveram presentes na guerra colonial, em Angola, nas décadas de 60 e 70. Esses relatos foram contrapostos e interseccionados com as narrativas referidas acima que abordam em suas temáticas a guerra colonial e o período que se seguiu. Sabemos da importância que a literatura desempenha na história e na formação cultural de um país. Ela é um dos principais veículos do imaginário do povo e transporta os laços identitários dos membros de uma nação, podendo assim revelar uma visão de mundo a partir de uma cultura e de uma coletividade específica. Assim, essa pesquisa mostra-se relevante, pois analisa o efeito de eventos históricos na formação de memórias e (re)significações de identidades, além de levar em conta a representação desses eventos na literatura.

Escolhi, então, as obras literárias referidas anteriormente para dialogar com as recordações dos relatos, sendo as obras escritas por autores angolanos e portugueses. Alguns dos aspectos relevantes que serão abordados neste trabalho estão representados nessas obras.

O romance *O Retorno*, escrito por Dulce Maria Cardoso e publicado em 2013, conta a história de uma família que vive em Angola e em função da guerra colonial precisa retornar a Portugal. Lá chegando, tem de (re)aprender a viver sob novas condições e com o estigma de serem “retornados”. Questões como a vivência familiar dentro das novas condições, a integração dos retornados e a maneira como os mesmos eram repudiados pelos portugueses são latentes dentro desse romance.

No segundo romance estudado, *Teoria Geral do Esquecimento* (2012), José Eduardo Agualusa cria uma narrativa que estabelece uma relação com a questão de inadaptação dentro de um contexto de guerra civil e de reorganização política e estrutural em Angola. Temos nesse romance uma narrativa visceral, intensa e perturbadora.

Já em *Filhos da Pátria* (no conto “Ngola Kiluanje”), de João Melo (2001), pontua-se o relacionamento de um jovem casal e os conflitos raciais. Os personagens dialogam sobre revoltas e lutas ligadas às questões de pureza racial e miscigenação que se tornaram importantes na nova sociedade angolana.

Na escolha dessas obras para o desenvolvimento da pesquisa, levamos em conta a semelhança entre os personagens que dão vida a esses romances e os relatos reais que foram recolhidos com familiares. Podemos, assim, analisar de forma mais clara, a maneira pela qual a literatura consegue auxiliar a pensar a realidade e vice-versa. Literatura e realidade não se contrapõem, ao contrário, possuem um constante diálogo e se complementam. Então, pensar a descolonização a partir de memórias relatadas por participantes desses eventos, em diálogo com a literatura, permite uma compreensão melhor desses acontecimentos e uma ampliação da visão sobre os mesmos.

Entrar em contato com narrativas ficcionais, biográficas e a própria historiografia do evento, me possibilitou identificar a necessidade de confrontar essas narrativas com relatos fragmentados de minha família paterna, que são portugueses nascidos e registrados em Angola, antiga colônia portuguesa. Optei por executar um trabalho de resgate da memória afetiva de pessoas próximas e formular uma reflexão sobre o modo como a literatura representa essa memória. A partir da análise de narrativas literárias de expressão portuguesa e de fragmentos de relatos testemunhais próximos, eu, como autora e herdeira dessas memórias familiares, tive por objetivo compreender os sentimentos de quem viveu diretamente os efeitos da descolonização. Além disso, essas questões estão sendo abordadas no âmbito ficcional mais recente, por isso analiso também, as questões de deslocamento e desenraizamento, enfrentadas por este contingente humano.

Por meio deste trabalho, tive a possibilidade de adquirir maior conhecimento e uma visão mais abrangente sobre as questões que envolvem a memória pós-colonial. E pude assim refletir sobre o passado, os traumas, a violência. Além disso, escrever sobre esse tema faz pensar que existem sempre outras soluções para os conflitos. A guerra sempre deixa traumas, feridas e, normalmente, elas não cicatrizam por inteiro.

As reflexões sobre algumas indagações são pertinentes frente à proposta deste trabalho: qual o sentimento de abandonar uma vida estabelecida e se tornar imigrante? Por que relatar a memória é difícil? O que fazer com essa memória fragmentada recebida dos familiares? De que maneira essas vozes são representadas em obras literárias? A dor ainda é existente, mas não explicada.

Buscando preservar a identidade das pessoas que aceitaram participar deste trabalho, através de seus relatos pessoais, utilizarei abreviaturas para mencioná-los. Para que ocorra um melhor entendimento, descrevo a quem cada abreviatura irá se referir: R.G.P. (avô paterno), J.P. (avó paterna), M.C. (tia avó), M.H. (tia avó) e R.P. (pai).

2. “CUMPRIU-SE O MAR E O IMPÉRIO SE DESFEZ”¹: A DISSOLUÇÃO DAS COLÔNIAS PORTUGUESAS NA ÁFRICA

Sabemos que Portugal manteve durante muito tempo colônias ultramar. Com o enfraquecimento do governo totalitário de Salazar, iniciou-se o processo de descolonização de Angola que era uma das colônias de Portugal. Esse processo começou no início dos anos 60. Angola tinha por objetivo tornar-se uma nação independente. Então, começou um processo de perseguição aos portugueses brancos que anteriormente tinham sido incentivados, pelo governo português, a morar naquele país. Os conflitos tiveram início nas fazendas e, posteriormente, estenderam-se por toda Angola. Deflagrou-se o conflito bélico por 13 anos entre a metrópole e suas colônias. Com a Revolução dos Cravos, em 1974, em Portugal, a queda do regime se estendeu para o término desses enfrentamentos. A partir daí, iniciou-se o processo de independência. Nesse momento, os portugueses tiveram que retornar às pressas para Portugal. Esses eventos deixaram marcas nas pessoas que deles participaram, e na maioria delas prevalecem retratos de memórias traumáticas, fazendo com que as mesmas tenham desejo de esquecer-las, não desejando revivê-las.

Angola fazia parte das colônias ultramarinas de Portugal, sendo a colonização, o resultado dos descobrimentos. A colonização portuguesa da África começou com a ocupação das Ilhas Canárias ainda no princípio do século XIV. A primeira investida incisiva dos portugueses na África foi a conquista de Ceuta em 1415, mas a verdadeira "descoberta" da África iniciou-se um pouco mais tarde, ainda no século XV. Em 1444, Dinis Dias descobre Cabo Verde e segue-se a ocupação das ilhas ainda no século XV, povoamento este que se prolongou até ao século XIX. Durante a segunda metade do século XV, os portugueses foram estabelecendo feitorias nos portos do litoral oeste africano. No virar do século, Bartolomeu Dias dobrou o Cabo da Boa Esperança, abrindo as portas para a colonização da costa oriental da África pelos europeus.

Segundo Nunes (2012), a partir de meados do século XVI, os ingleses, os franceses e os holandeses expulsam os portugueses das melhores zonas costeiras

¹ Fernando Pessoa em “O Infante”; 1913.

para o comércio de escravos. Portugal e Espanha conservam antigas colônias. Os portugueses continuaram com Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Angola e Moçambique. Sob o comando de Diogo Cão, no reinado de D. João II, os portugueses chegam ao Zaire em 1484. É a partir daí que se inicia a conquista pelos portugueses desta região da África, incluindo Angola. O primeiro passo foi estabelecer uma aliança com o Reino do Congo, que dominava toda a região. Ao sul deste reino existiam dois outros, o de Ndongo e o de Matamba, os quais não tardaram a fundir-se, para dar origem ao reino de Angola.

Explorando as rivalidades e os conflitos entre estes reinos, na segunda metade do século XVI, os portugueses instalaram-se na região de Angola. O primeiro governador de Angola, Paulo Dias de Novais, procurou delimitar este vasto território e explorar os seus recursos naturais, em particular o tráfico de escravos enviados, especialmente, para o Brasil. A penetração para o interior foi muito limitada. Em 1576, funda-se São Paulo da Assunção de Luanda, a atual cidade de Luanda. Angola transforma-se rapidamente no principal mercado abastecedor de escravos para as plantações de cana-de-açúcar do Brasil. Até final do século XVIII, Angola funciona como um reservatório de escravos para as plantações e minas do Brasil ou de outras colônias do continente americano. A ocupação dos portugueses não vai muito além das fortalezas da costa.

A colonização efetiva do interior só se inicia no século XIX, após a independência do Brasil e o fim do tráfico de escravos, mas não da escravatura em si. Outros países tinham interesse em explorar as riquezas da África, como: Inglaterra, Alemanha e França. As divisões territoriais eram feitas de acordo com seus poderes aquisitivos e fluências econômicas. E só no final do século XIX, que se iniciam as definições das fronteiras do território africano. No decorrer dos governos monárquicos, os republicanos criticavam a maneira com que eles governavam, pois se sentiam abandonados e com poucos recursos econômicos.

No ano de 1910, quando Portugal iniciou seu regime republicano, realizando ações governamentais, nas suas colônias ultramarinas, teve por objetivo implantar escolas. E posteriormente, dar destaque ao desenvolvimento econômico, que se dá a partir da exportação de café, sisal, cana-de açúcar e milho.

Nas décadas de 30 e 40 foi estabelecido o Estado Novo em Portugal, um regime ditatorial fortemente marcado pela centralização e pelo autoritarismo. Ocorreram, nesse período, transformações de caráter político-administrativo nas colônias portuguesas, visando a uma intensificação do controle sobre estes territórios, com o objetivo de alcançar um equilíbrio econômico, primeiramente na metrópole e posteriormente em todo o Império. Nesta época, existia um estímulo para a migração dos portugueses para as colônias de diversos continentes, resultante do período expansionista dos descobrimentos. Com o fim da II Guerra Mundial, ocorreram mudanças no âmbito político e isso acabou gerando um questionamento aos regimes imperialistas, e conseqüentemente um processo anticolonial.

Angola iniciou suas reivindicações econômicas e sociais, resultantes do desenvolvimento local e da capacidade produtiva das gerações em Angola, o que passou a ser motivo de atenção especial do poder central português, ainda sob o regime salazarista. Angola encontrou em Portugal de Salazar uma forte oposição e retaliação, sendo inclusive, em 1957, introduzida a PIDE – Polícia Internacional e de Defesa do Estado - em Angola, com o intuito de sufocar qualquer possibilidade de oposição e de revolução. Uma das maneiras de Portugal controlar suas colônias ultramarinas era inibindo seu crescimento e seu desenvolvimento. Esse boicote foi um dos fatores que inflamaram Angola a lutar pela sua independência.

Numa guerra de libertação, o povo colonizado deve ganhar, mas deve fazê-lo sem barbárie [...] O povo subdesenvolvido deve provar, pela força do seu combate, a sua capacidade de se constituir em nação e, em simultâneo, pela pureza dos seus gestos e até no mínimo detalhe, que é o mais transparente e aquele que tem o maior autodomínio. [...] Mas tudo isso é bem difícil. (FANOM apud ADAMOPOULOS, 2012, p.11)

Como vemos no relato obtido de minha tia avó M.C.: “Naturalmente que a construção desse modelo concorreu para o desenvolvimento socioeconómico, com evolução do ensino, da saúde, da indústria, dos recursos minerais, da agricultura e pecuária, das infraestruturas, etc. Todos os setores de atividade foram mexidos numa tentativa de melhoramento que, naturalmente, beneficiou não só os colonizadores, mas também os colonizados.”

No século XX, finda a década aura do fascismo europeu, o movimento das descolonizações toma forças, Portugal tentar apertar e unir suas “províncias

ultramarinas²”- eufemismo salazarista para “colônias”. No ano de 1961 iniciou-se a guerra para a independência da colônia de Angola. Pelos efeitos devastadores da guerra de independência e das guerras tribais aconteceu o retorno de portugueses, a imigração de angolanos e milhares de mortes. No ano de 1974 ocorre a queda do regime salazarista português, porém em Angola a independência não foi garantia de governabilidade. Durante a guerra colonial os nacionalistas angolanos formaram três grupos e estes estavam dispostos a lutar pelo poder de Angola. Angola, país da África Austral, foi uma colônia portuguesa até 11 de novembro de 1975, quando conseguiu a independência após uma guerra de libertação. Como disse Fernando Pessoa, “cumriu-se o mar e o império português se desfez”.

2.1 OS MOVIMENTOS INDEPENDENTISTAS DE ANGOLA

Durante o período em que Angola era colônia de Portugal, no decorrer da década de 60, inicia-se o movimento pela independência de Angola. Segundo Antônio Pires Nunes:

No dia 15 de março de 1961, Angola acordou sobressaltada com a notícia preocupante sobre algo de muito grave que ocorria nos distritos de Uíge, Zaire e Cuanza Norte. Os portugueses tomaram, então, conhecimento da existência da UPA, União dos Povos de Angola, movimento independentista que, acoitado no Congo ex-Belga e com o apoio de algumas organizações internacionais, cometia naquela região um grande massacre. Hordas enlouquecidas, armadas com catanas, assassinavam selvaticamente pessoas de todas as raças, credos e idades, destruíam as estruturas econômicas daquela tão vasta e rica região, fazendo o norte de Angola um verdadeiro inferno. Casas incendiadas, estradas cortadas e cadáveres por todos os lados. As populações ficaram aterrorizadas e acabaram se evadindo para países vizinhos. As autoridades militares reagiam, com poucas forças armadas e sustiveram o ímpeto da UPA. (NUNES, 2012, p. 10)

Essa data referida marcou o início de uma longa guerra que Portugal travou contra Angola. Nos anos de 1961 a 1974 ocorreu a formação dos movimentos que lutavam pela independência de Angola. Alguns dos movimentos eram: o MPLA,

² Nomenclatura atribuída pelo estado Português, para referir-se a suas colônias.

Movimento Popular de Libertação de Angola, e UNITA, União Nacional para a Independência Total de Angola. Os enfrentamentos entre esses movimentos e o exército que servia a Portugal, ocasionaram uma guerra suja, onde muitos inocentes perderam a vida. A guerra causou mudanças bruscas na vida dos angolanos-portugueses, que foram obrigados a se adaptar a tal realidade.

Os instrumentos que por muitos anos serviram para trabalhar, acabaram se tornando instrumentos de guerra, como as catanas e foices. As fazendas viraram acampamento de guerrilheiros.

Partimos da percepção de Hall de que “Os movimentos de independência e pós-colonial, nos quais [as] histórias imperiais continuam a ser vivamente retalhadas, são necessariamente, portanto, momentos de luta cultural, de revisão e de reapropriação” (HALL, 2003, p. 34). Tal citação traz a ideia de que a literatura, enquanto manifestação cultural, reflete essa ressignificação e reapropriação cultural. Isso fica evidente nas narrativas abordadas nessa pesquisa.

2.2 A VISÃO DOS PORTUGUESES SOBRE O CONFLITO

Estar aqui dói-me. E eu estou aqui
 Há novecentos anos. Não cresci nem mudei.
 Apodreci.
 Doem-me as próprias raízes que criei(...)
 Andei de terra em terra
 Por esse mundo que de certo modo descobri.
 E fui soldado contra a minha própria guerra
 Eu que fui pelo mundo e nunca saí daqui. (ALEGRE apud, RIBEIRO, 2004, p. 198)

Portugal tornou Angola, uma de suas colônias, a extensão do território português; o colonizador tentou sempre impor seus costumes, sua cultura e sua religião. Como minha tia avó M.C. relatou, em seu depoimento: “Do mesmo modo que foi construído qualquer espaço colonial em qualquer parte do mundo, Angola foi feita à medida dos colonizadores, neste caso dos portugueses. A colonização foi sempre dimensionada nos moldes do colonizador. Assim, construiu-se um modelo europeu em África.’

Na década de 60, quando iniciou o processo pela independência do continente africano, a união dos movimentos era forte, pois todos tinham como interesse comum a independência de sua colônia. Eles tomaram grandes proporções e tornaram-se muito violentos.

Enquanto em Angola ocorriam grandes conflitos, que mudavam a vida de milhares de pessoas, em Portugal o governo de Salazar tentava abafar e amenizar as notícias que eram difundidas sobre esse conflito. Havia uma atmosfera de incerteza e instabilidade, a ditadura salazarista começava a ruir. Começou o início do fim de Salazar. Ao nos reportarmos aos escritos de António Salazar podemos constatar como o governo português percebia a guerra. Salazar tentava difundir suas ideias e suas percepções sobre a guerra. Em 1961, ele escreveu: “As nossas províncias do Ultramar podem vir a sangrar. Mas o que sei é isto: em parte alguma arriaremos a bandeira!” (SALAZAR, 2004, p.218)

Na metrópole, pouco se sabia da realidade vivenciada em suas colônias. As notícias transmitidas pelo governo salazarista eram de que tudo estava sob controle, como podemos notar em sua frase “Para Angola rapidamente e em força”. Porém a violência começou a tomar conta de todos os grupos sociais, que clamavam por um apoio do governo central, no entanto Salazar só ordenava “andar rápido e em força”. Após o início da guerra colonial, a sociedade portuguesa começou a questionar o sistema, e seu posicionamento perante suas colônias. Os angolanos-portugueses já não conseguiam permanecer em suas terras e tiveram de abandoná-las, o que acarretou a grande migração dos ditos “retornados” para a metrópole. Porém, Portugal também passava por um momento muito delicado, que era a queda do salazarismo. Após anos de ditadura, o país fica com suas feridas expostas, feridas essas, causadas pelo governo de Salazar.

2.3 CONFLITOS DE VIDA E DE GUERRA

Nas obras utilizadas para essa pesquisa, procurei dirigir meus estudos para o tema da guerra colonial, buscando tecer respostas para abordar um assunto que causou muitas feridas, sociais e emocionais. Feridas que para milhões de angolanos

e portugueses, talvez, ainda não tenham sido cicatrizadas. Todos os conflitos que foram causados pela guerra colonial deixaram grandes marcas na sociedade e no imaginário coletivo dos envolvidos.

Angola passava por um período de grande expansão, começava a desenvolver sua estrutura industrial. E foi exatamente essa expansão que chamou a atenção do mundo e das grandes potências europeias. Era um país com matéria-prima abundante e mão-de-obra de baixo custo. Além disso, começou a adquirir no exterior materiais de última geração, e seus produtos começaram a entrar no mercado e a competir com as indústrias das grandes potências. Então, em Angola, começou de imediato o choque de interesses e a indisciplina. Também a agitação e a desordem generalizada, passaram a fazer parte do dia-a-dia, com o beneplácito das autoridades coloniais postas no comando da ainda colônia portuguesa. Sem interrupção, as três facções no terreno passaram para a luta armada entre si, incendiavam, pilhavam, insultavam, feriam e matavam. Foi a guerra que só os militares portugueses poderiam travar, mas em obediência ao rumo da tendência política que norteou a revolução de 25 de abril, covardemente consentiram crimes de toda a ordem contra os seus compatriotas e contra os angolanos. Foi uma guerra muito cruel e injusta para ambas as partes.

Em 15 de janeiro de 1975, foi feito o **Acordo do Alvor**, no Algarve, assinado entre o governo português e os três principais movimentos de libertação de Angola (MPLA - Movimento Popular de Libertação de Angola, FNLA - Frente Nacional de Libertação de Angola e UNITA - União Nacional para a Independência Total de Angola). O acordo estabeleceu os parâmetros para a partilha do poder na ex-colônia entre esses movimentos, após a conquista da independência de Angola. Pouco tempo depois do acordo assinado, os três movimentos envolveram-se em um conflito armado pelo controle do país e, em especial, da sua capital, Luanda. Esse conflito ficou conhecido como a Guerra Civil de Angola.

3. RELATOS DE UMA HISTÓRIA MARCADA NA ALMA

Já não navios a partir
para o país da ausência.
É preciso voltar ao ponto de partida
é preciso ficar e descobrir
a pátria onde foi traída
não só a independência
mas a vida. (ALEGRE, apud, RIBEIRO, p, 194)

No ano de 1974, minha família teve de abandonar e abdicar de muitas coisas, como bens materiais e suas relações intrapessoais estabelecidas em Angola há quase um século para poder sobreviver, pois não tinham mais forças para lutar contra os revolucionários e estavam correndo risco de morte. Viver em Angola era perigoso e conflituoso, portanto a única saída era retornar para Portugal. Os meus familiares nunca se ativeram em relatar sobre seu passado; isso era algo que me deixava inquieta, porém, nunca questionei nada a esse respeito. Falar sobre o passado sempre pareceu ser um tabu em minha família. Quando iniciei a minha trajetória acadêmica no curso de Letras, me deparei com obras literárias nas quais o tema era a guerra colonial em Angola. Isso me aguçou a curiosidade e o interesse por saber mais detalhes da história de minha família. “Tocar nessa ferida” ainda não “cicatrizada” é algo doloroso e penoso, mas ter essa herança e poder compartilhar é algo magnífico. Revisitar o passado melhora a compreensão sobre o presente. É preciso visitar o passado para que as dores não sejam esquecidas.

O amor deles por suas origens era nítido, ao entrar na casa de minha vó, pinturas e objetos de lá trazidos fazem parte do contexto de vida. Ao mesmo tempo em que ser angolano-português é motivo de orgulho, existem histórias que ficam trancadas a sete chaves. Durante minha trajetória acadêmica, surgiram questionamentos e inquietações. Perguntas brotavam constantemente em meu pensamento. Neste momento de minha vida, escrevo com muito orgulho, uma linda história, daqueles bravos portugueses que contemplavam o amor pelas antigas colônias, a esperança na metrópole, se contrapondo rapidamente com o abandono por parte do governo, os obrigando a fugir de seu lar e ir rumo a um destino desconhecido.

É difícil penetrar nessas lembranças que causaram dor e perdas. Quando decidi pesquisar sobre esse passado, deparei-me com grandes barreiras, algumas não consegui atravessar, elas eram mais pesadas e fortes do que eu imaginava.

Grande parte da minha família paterna, que se exilou de Angola, foi viver em Portugal. Alguns dos meus familiares ainda permanecem lá. Para a realização deste trabalho conversei por e-mail com meus familiares a respeito do tema, aqui abordado. Sabemos que falar deste passado é algo muito doloroso. Tendo como exemplo, M.H. irmã de meu avô, que não consegue falar deste tema doloroso e desacredita que as obras literárias representem a realidade dos fatos.

Milhares de angolanos abandonaram suas terras, pois a violência já havia tomado conta do país, não existia segurança, muitos sentiam-se ameaçados pelos republicanos. Os que permaneceram em Angola, em sua grande maioria, foi por falta de oportunidade e condições financeiras. Mesmo não estando de acordo com a organização política e social que se instalou em Angola.

Ler a obra *Teoria Geral do Esquecimento*(2012) de Agualusa, me fez refletir sobre as pessoas que mesmo não apoiando a forma como foi imposta essa independência, ou também não concordando com o contexto político que se instaurou em Angola, tiveram de permanecer em Angola. Elas permaneceram no país, e formaram uma barreira interna para não expor sua opinião e seu descontentamento com a situação imposta. Apresento como exemplo, a decisão da personagem Ludo, que mesmo após a independência de Angola permaneceu presa em seu apartamento, sem contato com o “novo mundo”. Ela representa a grande dificuldade das pessoas em se (re)adaptarem a uma nova realidade. Em um de seus depoimentos Ludo exprime este fato claramente:

Sinto medo do que está para além das janelas do ar que entra
Às golfadas, e dos ruídos que traz. Receio os mosquitos,
a miríade de insetos aos quais não sei dar nome. Sou estrangeira
a tudo, como uma ave caída na correnteza de um rio.
Não compreendo as línguas que me chamam lá de fora, que o
rádio traz para dentro de casa, não compreendo o que dizem,
nem sequer quando parecem falar português,
porque esse português que falam não é meu.
Até a luz é estranha.
Um excesso de luz.
Certas cores que não deveriam ocorrer num céu saudável.
Estou mais próxima do meu cão do que do passado lá fora.

(AGUALUSA, 2012, p.31) (grifo do autor)

Perante o estado de guerra e postas em risco as suas vidas, os cidadãos residentes em Angola, brancos e negros, angolanos e portugueses equacionaram a situação e cada um tomou a atitude que considerou mais aconselhável. Foram tempos difíceis, de difíceis resoluções, onde foi possível verificar de tudo, como podemos observar nesse depoimento:

Os que partiram à deriva, sem fortuna, apenas com força interior (a maioria).

Os que partiram com alguma fortuna (poucos).

Os que ficaram voluntariamente, apenas na expectativa de melhoras do ambiente (poucos).

Os que ficaram voluntariamente, envolvidos na agitação, à espera de compensação (alguns).

Os que ficaram porque não tinham meios para saírem (muitos, sobretudo negros). (M.C.)

Sem ponta de nostalgia, relatando os factos com verdade, olhos nos olhos, poder-se-á dizer que era gratificante viver em Angola no período anterior à sua independência. A recordação da realidade daqueles tempos, ainda hoje arranca suspiros e lágrimas a brancos e negros ou, pelo menos, ainda os põe a pensar nos pecados e nas virtudes da época. (M.C.)

Tenho como referência para este trabalho, minha família paterna e principalmente meu avô. Ele nasceu em 30 de setembro de 1939, na Freguesia da Conceição, no Hospital Maria Pia, na cidade de São Paulo de Assunção de Luanda fundada por Paulo Dias de Novaes. Seus primeiros ancestrais a irem para Angola, foram seu avô paterno (governador de Angola) e avô materno (topógrafo, chefe do Ministério das Colônias).

Ele Iniciou sua vida estudantil no Liceu de Salvador Correia e escola comercial Vicente Ferreira, toda sua juventude foi associada a lideranças juvenis (Mocidade Portuguesa, 1936). Foi o Primeiro Comandante Falange a representar Angola.

“Organizei a primeira conferência provincial de graduados de Angola, onde nós jovens definíamos para o governo português, o que pensávamos sobre a África e a revolução da África e suas necessidades.” (R.G.P.)

“Fui o primeiro comandante criado na África, os outros eram da mãe pátria.” (R.G.P.)

Sempre ao se referir a Portugal, jamais utilizou palavras pejorativas, ao ouvir seus relatos noto uma grande admiração por Portugal colonizador, mesmo sendo esta uma das grandes causas de ter abandonado o seu país.

Durante sua juventude percorreu o território angolano, promovendo excursões e durante suas férias acompanhava o seu pai, diretor do Departamento de Estatística, ele era um fotógrafo amador. Seu pai, meu bisavô, pertencia a um grupo juntamente com Neves de Souza e Ferreira da Costa, eles analisavam o crescimento de Angola, através de fotografias e pinturas.

“Meu pai fez o senso de 40, 50, 60. Eu acompanhando esse trabalho e então comecei a entender a distribuição geográfica de Angola.” (R.G.P.)

Meu avô paterno, aos dezoitos anos foi assessor do diretor do Departamento de Economia, podendo assim acompanhar o desenvolvimento econômico do país e suas indústrias. Quando completou vinte anos, no ano 1960, ingressou no exército português e foi incorporado na unidade de Cavalaria de Reconhecimento Especializado, onde permaneceu até 1964.

“Eu participei de todo esse fenômeno local, defendendo o exército português e a colonização portuguesa e tentando pacificar. Nossa unidade era de reconhecimento e tentativa de pacificação local.” (R.G.P.).

A guerra pela independência de Angola já era previsível, pois se tratava de um país em desenvolvimento econômico e todas as grandes potências estavam desejando entrar na disputa por essas riquezas.

A África é um continente rico, tem um subsolo riquíssimo e tem um solo fértil. Tem bastante água e uma costa grande com o potencial piscatório, com correntes quentes e frias. A África nasceu negra e os colonizadores de várias nações foram para lá. A África foi dividida em figuras geométricas, se você olhar para o mapa antigo vai perceber, triângulos, losangos, quadrado, e dentro de alguns desses espaços

encontramos vários grupos nômades de diferentes etnias e que não se miscigenavam e se respeitavam. Essas tribos foram incentivadas pelas grandes forças econômicas a lutarem pela independência, porém incentivando a violência brutal. (R.G.P.)

Violência provoca violência e instalou-se em Angola um estado de alerta e de agitação. As grandes potências econômicas cediam armamentos pesados para as tribos locais e grupos que lutavam pela independência de Angola. Segundo meu avô, as grandes potências econômicas foram em grande parte responsáveis pela violência instaurada nesse movimento de descolonização;

O FNLA vinha da parte norte de Cabinda, no Congo Belga, era financiada pelo pessoal do petróleo, pelos belgas. A UNITA no sul de Angola, era financiada pelos chineses e o centro o MPLA, era financiado por Cuba como ponta de lança da Rússia. (R.G.P.)

Me especializei em carros blindados, vindos a OTA para Angola, era para ficar dezoito meses, mas por condições da África e por ter arreventado o terrorismo em Angola, eu acabei por ficar incorporado por 46 meses, nesse tempo tive intervenções militares, principalmente no norte de Angola, nas fazendas, onde houve uma fase do terrorismo, que era um terrorismo massacrante, que matavam e mutilavam.” (R.G.P.)

De um lado, tropas regulares de todos os ramos das forças armadas mobilizadas em Angola e em Portugal, do outro, guerrilheiros angolanos e mercenários que tentavam desestabilizar. Foi uma guerra de guerrilha que se prolongou por mais treze anos, até 1974. (M.C.)

R.G.P. casou com J.P. em dezembro de 1962, na Igreja Paróquia do Carmo, na cidade de Luanda, seu primeiro filho R.P., nasceu no ano de 1964, e seu segundo em 1966. Viviam na cidade de Luanda, e seus filhos sempre estudaram em escolas particulares. Todos consideravam que Angola, até abril de 1974, era um país muito aberto, muito livre, onde as pessoas circulavam livremente, apesar da guerra colonial que então grassava, mas que estava perfeitamente delimitada, sob controle dos militares. Contudo, essa situação se alterou:

Decidimos sair de Angola, pois não havia mais segurança, a todo instante ouvíamos tiros, assaltos nas escolas e bombardeios em supermercados. Principalmente havia falta de segurança e um descaso total do governo português, que não dava proteção aos filhos da terra. (R.G.P.)

Pelo fato da violência e falta de segurança, se tornar algo que os assombrava, não haveria escolha a não ser partir de África. O rotina se tornou caótica, e durante o tempo em que meu avô serviu ao exército português, ele vivenciou verdadeiras cenas de horror. Como podemos perceber no relato a seguir:

O massacre ocorria principalmente com os brancos, eles matavam e cortavam os seios das mulheres como se fossem bifés e introduziam pedaços de madeira em seu órgão sexual, aos homens eles cortavam o escroto e o punham na boca. Esse terrorismo foi instaurado para espantar as pessoas, tornar a vida insuportável no interior. Depois foi se tornando uma disputa bélica entre os partidos, eles avançaram por todas cidades. (R.G.P.)

Segundo seus relatos, foi no interior de Angola que ele presenciou a parte mais horripilante, massacrante da guerra:

Eu conheci o outro lado, eu assisti ao que eles faziam, como se tratavam entre eles, mesmo os negros, eles eram bárbaros uns com outros, o que estava condenado a morte cavava a sua própria cova e tinha sua cabeça decepada e penduravam nas árvores. Para obter confissão de alguns companheiros, eles encostavam brasa quente em suas barrigas. (R.G.P.)

A decisão de deixar Angola foi muito dolorosa, pois era naquela terra que todos haviam construído suas vidas e sua história. Os primeiros a partir de Angola foram minhas tias-avós, minha bisavó, minha vó e seus dois filhos. Meu avô continuou em Angola, para não levantar suspeitas, continuou trabalhando. Era uma questão de estratégia permanecer no país, pois existia uma ligação com o FNLA, por parte de alguns familiares.

No ano início de 1975, meu avô chegou a ser preso para averiguação, quem o salvou foi um amigo que afirmou que ele não estava ligado com a FNLA. Este fato o obrigou a permanecer por mais algum tempo em Angola. Um dia antes de partir de Angola, meu avô deixou serviço para sua equipe, para não levantar suspeita, fingiu que logo retornaria a Angola. Forjou uma doença familiar, que o repostaria para Portugal. Teve que partir para um novo continente com a cara e a coragem, deixando tudo para trás, sem sinal de que não voltaria àquela terra.

Minha vó relata que foi muito difícil decidir o que levaria na mala, pois seria impossível conseguir carregar toda sua história e suas conquistas. Eles relutaram

até o último instante em deixar o país, a decisão foi tomada pela insegurança que tomava conta de todos. Era latente o sentimento de que tudo não passava de um pesadelo, e logo, todos voltariam a ter suas vidas e suas rotinas de novo. Mesmo no momento de embalar suas malas, ninguém parecia acreditar que essa viagem não teria volta.

Essa situação também é retratada no romance *O Retorno* (2013), a mãe fala “como se hoje à noite não fôssemos apanhar o avião para metrópole, como se amanhã pudéssemos comer as sobras da carne assada dentro do pão, no intervalo grande do liceu.” (CARDOSO, 2013, p.7). Desse modo, ela segue falando:

Ainda que gostemos de nos enganar dizendo que voltamos em breve, sabemos que nunca mais estaremos aqui. Angola acabou. A nossa Angola acabou. Nunca mais vamos dormir a sesta nas espreguiçadeiras, o pai nunca mais se vai sentar no banco de madeira para que o barbeiro lhe apare o cabelo e lhe faça barba. (CARDOSO, 2013, p.18)

Tão dolorido quanto abandonar seu país, era a ideia de que tudo ficaria para os revolucionários, que ocupariam suas casas e usariam seus objetos. Deixar para trás tudo que se levou uma vida para conquistar, abandonar os sonhos para nunca mais voltar, era isso que tinha que ser feito. Muitos angolanos tiveram vontade de destruir tudo antes de partir, assim como o pai do personagem Rui, no romance *O Retorno*(2013):

O pai já não ia trabalhar e ameaçava deitar fogo à casa e aos camiões, mesmo que não tivesse coragem para o fazer. Os portugueses não poderiam levar para Portugal os bens que a sua ganância amealhara e, assim, findavam os anos dourados passados em África. (CARDOSO, 2013.p.).

Nos relatos que ouvi da minha família, noto a paixão pela terra, pela sua beleza natural, sendo ela tão fértil e rica. Meu avô cita esse como um dos grandes causadores da guerra colonial, a ganância pelas riquezas de sua Angola. Sabemos que a guerra foi movida por vários países que apoiaram os movimentos independentistas. Em um dos trechos do livro *O Retorno* (2013), percebemos, pela memória da mãe do personagem Rui, o quão rica era aquela terra.

A mãe fala com o tom que usava com as visitas, uma terra abençoada, a mulher da mesa a nossa esquerda abana a cabeça concordante, deixava-se cair um caroço de manga na terra e no dia seguinte crescia uma mangueira, e logo o marido, uma terra rica, café, algodão, diamantes, petróleo. (CARDOSO, 2013, p.96)

Esse trecho complementa os relatos que ouvi de meus familiares. Segundo R.G.P., Angola era um país em expansão, em desenvolvimento.

Era muito difícil ter de abandonar o país, minha família relutou até o último instante em deixá-lo. Em um dos trechos do livro, notamos clara a revolta com os compatriotas que logo desistiram de viver na África, no desabafo de Rui: “O pai tinha razão, aquilo era a nossa terra, devíamos ter ficado lá, só um covarde abandona a sua terra sem dar luta.” (CARDOSO, 2013, p.125).

Mas um período de violência social e ética se instaurou em Angola, o medo tomou conta de todos. Minha avó conta que até ir à feira tornou-se algo assustador. Inicia-se uma mistura de sentimentos: ódio, medo, decepção, paixão e dor. Em suma, tudo que uma guerra pode causar.

A materialização do horror era ver seus compatriotas em guerra, lutando entre si, matando pessoas, pela cor de sua pele ou por possuir uma opinião oposta. Não existia distinção entre ser homem, mulher ou criança, se não pertencesse ao movimento pela independência e não estivesse de acordo com a situação imposta, perderia a vida. Percebemos essa violência no trecho em que Rui, o personagem de *O Retorno* fala: “Eles matam-nos, esquartejam-nos à catanada e enfiam os bocados numa fossa, ou espetam-nos em paus à beira da estrada, como na semana anterior acontecera na estrada de Catete.” (Cardoso, 2013, p.) Ainda:

“E agora não adianta dizer, a união faz a força, se ficarmos todos juntos não nos acontece nada de mal, é tarde demais, se nos tivéssemos unido antes nunca seríamos retornados, agora já não há nada a fazer”. (Cardoso, 2013, p.128).

Houve uma grande dificuldade em se adaptar a um novo país: novas relações pessoais, a maneira de ser e estar das pessoas, os seus hábitos e seus costumes e ainda ter que conviver com os olhares atravessados e desconfiados das pessoas da

metrópole. Meu tio-avô teve uma triste experiência, de exclusão e preconceito, por parte dos portugueses, como podemos perceber em seu relato:

Estava na moda o sentimento de esquerda, pacóvio e brejeiro, então a viver os resquícios do vinte e cinco de abril, acontecido dois anos antes. - “Vem p’ra cá esta retornadagem...pensam que ainda estão nas minas do petróleo com o chicote na mão!...”, este um apanhado que ouvi uma vez nos corredores da empresa, revelador da consciência e do atraso da época (M.C.).

Algumas obras que tratam desse assunto delicado começaram a ganhar destaque recentemente, para muitos era um tabu tocar nesse assunto. Acreditamos que talvez esse tempo tenha sido essencial, o que contribuiu para que, o que era um tabu, pudesse ser melhor absorvido pelas pessoas que lá viveram. Sabemos que o continente africano passou por mudanças bruscas em um curto período de tempo, e que esse fato refletiu na construção de uma nova identidade.

4. MEMÓRIA, IDENTIDADE E PÓS-COLONIALISMO: DE QUE FORMA ESTÃO PRESENTES NAS OBRAS LITERÁRIAS

As obras aqui analisadas foram escritas em um período posterior à guerra de independência das ex-colônias portuguesas na África. Essas narrativas apresentam um pacto político-social em extensão moral na busca da construção literária da identidade de países pós-coloniais, sendo este fator de grande relevância para o estudo do tema. É perceptível nessas narrativas a recorrência de temáticas que abordam o resgate de algo. Segundo Candau (2012), as identidades culturais são transitórias, pois estão em processos contínuos de identificação.

4.1 O *RETORNO*, DE DULCE MARIA CARDOSO

Primeiramente vamos analisar a obra *O Retorno*(2013), que conta histórias de vidas que mudam, destinos que se cruzam, caminhos tortuosos, mudanças, adaptações, recomeços, etc. O romance é repleto de temas que perpassam a existência humana. A obra mexe em uma ferida nunca cicatrizada totalmente, a narrativa faz sangrar novamente a ferida dos portugueses que foram obrigados a retornar de Angola para Portugal, às pressas, um retorno para nunca mais voltar, um retorno para sempre. Vemos então o abandono de uma vida e o começo de outra pelos olhos do protagonista, o adolescente Rui.

No início da narrativa nos situamos na virada do ano de 1974 para 1975, em que observamos o doloroso processo de migração de muitos portugueses, que já haviam construído sua vida em Angola:

Na mesma noite em que o Sr. Manuel partiu com a família no Príncipe Perfeito, fomos à farra da passagem do ano [...] o pai olhava para a multidão que dançava na festa [...] o conjunto desafinava mas ninguém deixava de dançar por causa disso, *estava à toa na vida o meu amor me chamou, pra ver a banda passar cantando coisas de amor* [...]1975 ia ser um ano bom, se calhar o melhor de nossas vidas, íamos deixar de ser portugueses de segunda, o futuro era aqui [Luanda], o pai estava certo apesar dos chaimites e dos tiros [...] Só que a banda nunca mais passou. Foi tudo tomando o seu lugar, cada um de nós no seu canto e em cada canto uma dor [...] os tiros e os morteiros não pararam, os pretos continuaram a vir de todo o lado e

os brancos a irem-se embora, os tropas portuguesas já nem da bandeira queriam saber e os comunistas da metrópole vieram para cá [...]. O pai calou-se sobre o futuro (CARDOSO, 2012, p. 29-33).

No ano de 1975, centenas de milhares de pessoas abandonaram Angola, existia um clima de frustração, de saudade, de raiva, mas principalmente de insegurança. Além de terem que abandonar seus bens materiais, todos sabiam das dificuldades econômicas que Portugal estava passando.

O protagonista Rui conta-nos sobre o último jantar de sua família em terras angolanas. O romance ficcionaliza e retoma os conflitos pela independência de Angola ocorridos no final do século XX, na década de 70. Os pais de Rui são portugueses que no processo de colonização portuguesa de Angola migraram para o continente africano. Estourada a guerra de independência de Angola, os portugueses começam a ser perseguidos pelos nativos que desejam a independência. Assim, através de uma ponte aérea, Rui volta para Portugal com sua mãe e sua irmã. Infelizmente, com o pesar do leitor, o pai de Rui acaba por ficar em Portugal. Paira sobre o pai de Rui a ameaça de nunca mais voltar. Fica também por Angola o tio de Rui que deseja ajudar os nativos a obter a independência. De volta a Portugal, Rui precisa reaprender a ver o mundo, em um lugar que é estranho e hostil a ele. Soma-se a esse traumático recomeço a incerteza sobre a possível volta de seu pai. Rui precisa amadurecer e viver uma nova vida.

O governo português tem de lidar com a queda do salazarismo. Vemos um país ferido, fragmentado, dilacerado por anos de ditadura. Como apoio aos “retornados” o governo disponibiliza hotéis para eles se estabelecerem. O hotel nos remete a um campo de refugiados. O quarto 315 torna-se a nova casa de Rui: “um quarto pode ser uma casa e este quarto e esta varanda de onde se vê o mar é a nossa casa” (Cardoso, 2012, p. 165).

Através do olhar de Rui, ficam evidentes as marcas das experiências traumáticas em torno da revolução, da perda do império.

Estavam lá no hotel retornados de todos os cantos do império, o império estava ali, naquela sala, um império cansado, a precisar de casa e de comida, um império derrotado e humilhado, um império de que ninguém queria saber (CARDOSO, 2012, p. 86).

E assim, passando por inúmeros desafios e privações, Rui reaprende a sua existência, refazendo as suas histórias, reaprendendo a amar e a enfrentar a nova realidade. Um fato que mexe muito com a construção de identidade do personagem é quando ele é rotulado por sua professora como o “retornado”:

Vou dar pontapés em todas as portas até chegar ao pátio do recreio, a puta da professora mandou-me para a rua com uma falta a vermelho mas eu vingo-me [...] A puta da professora, um dos retornados que responda, como se não tivéssemos nome, como se não bastasse ter-nos arrumado numa fila só para retornados (CARDOSO, 2012, p. 140).

Há ainda a saudade dos tempos anteriores aos movimentos de libertação de Angola. Existem as lembranças dos amigos, da casa, de sua vida anterior. Há a dúvida se o seu pai ainda está vivo. Todas essas são incertezas envoltas em brumas misteriosas de um novo mundo que surge para Rui.

Na escola, o protagonista é rechaçado por ser um retornado. A sociedade portuguesa, de forma geral, vê com maus olhos os retornados. E assim, dia após dia, Rui vai amadurecendo. Portugal observa o seu projeto de possuir um grande império, projeto esse iniciado séculos antes, ser desfeito. Dulce Maria Cardoso constrói seu romance abordando vários temas pertinentes a serem discutidos como: o racismo, a migração involuntária, a homossexualidade, o machismo e, sobretudo, a memória traumática.

Quase no fim do romance, para surpresa de todos os personagens e do leitor, o pai de Rui retorna. Ele estava vivo. Porém, ele retorna muito mudado. O pai de Rui tornou-se um homem calado e taciturno. Ele presenciou horrores indescritíveis num país dilacerado por uma guerra civil. “Cumpriu-se o mar e o império se desfez”, disse Fernando Pessoa. Ao longo do romance vemos a concretização de seu poema, vemos um país que já teve um império, tentando se levantar.

A história da família de Rui, embora seja uma ficção com um pano de fundo histórico, vem ao encontro da história da minha família. E também com a de milhares de outros angolanos que se evadiram de Angola. Crianças que mesmo sem compreender o fenômeno de descolonização, viram suas famílias serem vítimas de uma guerra que sequer elas entendiam.

Esse romance se entrelaça com os relatos anteriores, pois conseguimos captar a conturbada relação de memórias, de histórias e de esquecimento. Sabemos da grande dificuldade dos angolanos e dos portugueses em resgatar essas memórias. Contudo, acreditamos que a melhor maneira de superar essa barreira é falando sobre. Na perspectiva de Candau: “A identidade historicizada se constrói em boa parte se apoiando sobre a memória das tragédias coletivas” (CANDAU, 2014, p. 151).

A problemática de identidade angolana é demonstrada por meio da indiferença sentida por Rui. O personagem vive um impasse constante em ajustar sua angolanidade, junto à sociedade opressora. Porém suas memórias, relatos e experiências são fundamentais para a formação de sua identidade.

Nessa narrativa também é possível observar que a escritora recorre à memória a fim de estabelecer uma aproximação com suas origens identitárias e culturais.

4.2. *TEORIA GERAL DO ESQUECIMENTO*, DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

Na obra do autor José Eduardo Agualusa, encontramos uma narrativa entrelaçada de memória e de história, tendo como reflexo uma conturbada realidade, e esta resulta em esquecimento. A narrativa é baseada no relato do diário de Ludovica Fernandes Mano, a mesma é apresentada pelo autor em uma nota prévia, como vemos a seguir:

Ludovica Fernandes Mano faleceu em Luanda, na clínica Sagrada Esperança, às primeiras horas do dia 5 de outubro de 2010. Contava 85 anos. Sabalu Estevão Capitango ofereceu-me cópias de dez cadernos nos quais Ludo foi escrevendo o seu diário, durante os primeiros anos dos 28 em que se manteve enclausurada. Tive igualmente acesso aos diários posteriores ao seu resgate e ainda a uma vasta coleção de fotografias, de autoria do artista plástico Sacramento Neto (Sakro), sobre os textos e desenhos a carvão nas paredes do apartamento. Os diários, poemas e reflexões de Ludo ajudaram-me a reconstruir o drama que viveu. Ajudaram-me, creio, a compreendê-la. Nas páginas seguintes aproveito muito dos testemunhos. (AGUALUSA, 2012, p.09).

Ludovica é uma senhora portuguesa, que contra a sua vontade vai para Luanda, juntamente com sua irmã, Odete, e seu cunhado, Orlando, que era de nacionalidade angolana. No início percebemos, através do olhar da protagonista, o clima de libertação nacional e o início dos conflitos civis. O ambiente familiar formado por duas portuguesas e um angolano possibilita a leitura de diferentes percepções sobre os eventos históricos e políticos apresentados.

Odete deixa claro o seu preconceito com os angolanos, e que mesmo estando no território deles, ela se sentia superior. Podemos perceber essa manifestação de rejeição quando ela se refere ao primo de Orlando: “Fala como um preto! Acusa Odete: Além disso, fede a catinga. Sempre que vem aqui empesta a casa inteira.” (AGUALUSA, 2012, p. 15). Odete representava o olhar da metrópole sobre Angola, em que todos os negros que defendiam a independência não passavam de terroristas.

Ludovica chega em Angola um pouco antes da independência, ela sente medo da agitação que surge, como protesto ela fecha as janelas do apartamento para não ouvir as manifestações e os fogos, em que o povo comemorava o fim da colonização portuguesa.

Já Orlando, marido de Odete, era angolano, engenheiro de minas e tinha uma boa condição financeira. Mesmo ele sendo casado com uma europeia, ele resistia em abandonar a África. Ele temia pela desapropriação de terras e a pela expulsão dos brancos, também não queria se desfazer de seus bens materiais. Porém seus valores identitários e políticos, o faziam compreender os movimentos que lutavam pela independência de Angola.

O prédio em que eles moravam começou a esvaziar-se, como forma de representação das centenas de milhares de angolanos e de portugueses que abandonaram Angola. Orlando estava dividido, ele resistia em abandonar sua terra. Dois dias antes da independência, decidiu que seria melhor que partissem para Lisboa. Na noite anterior ao dia da partida, o casal, Orlando e Odete, resolveram sair para uma festa, porém eles não retornaram. Com o desaparecimento do casal, Ludovica ficou sozinha no apartamento, tinha apenas a companhia de Fantasma, o seu cachorro de estimação. Ela se sentia acuada com as mudanças de Angola, e sozinha presenciou a chegada da guerra civil. O mundo além das janelas de seu

apartamento causava medo e estranheza, ela estava longe de sua pátria e presenciava em Angola um cenário caótico, devido à guerra colonial.

Sinto medo do que está para além das janelas, do ar que entra às golfadas, e dos ruídos que traz. Receio os mosquitos, a miríade de insetos aos quais não sei dar nome. Sou estrangeira a tudo, como uma ave caída na correnteza de um rio. Não compreendo as línguas que me chegam lá de fora, que o rádio traz para dentro de casa, não compreendo o que dizem, nem sequer quando parecem falar português, porque esse português que falam já não é o meu. Até a luz me é estranha. Um excesso de luz. Certas cores que não deveriam ocorrer num céu saudável. Estou mais próxima do meu cão do que das pessoas lá fora (AGUALUSA, 2012, p. 31).

Tudo piora quando Ludovica recebe um telefonema, em que uma pessoa disse querer os diamantes que pertenciam a Orlando. Posteriormente seu apartamento é invadido por um desconhecido, ela acaba atirando e matando o homem que queria assaltá-la. A personagem fica ainda mais assustada, esse fato fez com que ela construísse uma parede em frente à porta de seu apartamento isolando-a do restante do edifício. Fecha por completo sua fronteira, o único contato que ela tinha com o mundo exterior era no terraço de seu apartamento.

O conceito de lugar no romance tende a ser estendido à medida que “nos emparedamos” no Prédio dos Invejados junto com a protagonista. Esse isolamento que durou vinte e oito anos acaba criando uma nova identidade para Ludovica.

Ao analisarmos Ludovica, notamos a ausência que vagueia por dentro da personagem, como podemos compreender nesse trecho;

Decorriam décadas antes que alguém a encontrasse. Pensou em Aveiro e compreendeu que deixara de se sentir portuguesa. Não pertencia a lado nenhum. Lá, onde nascera, fazia frio. Reviu as ruas estreitas, as pessoas caminhando, de cabeça baixa, contra o vento e enfado. Ninguém a esperava (AGUALUSA, 2012, p. 63).

Ludovica sofre por não se sentir parte dessa nova realidade angolana, ela é muito mais que uma personagem estrangeira em uma narrativa africana. Através do seu conturbado exílio, ela constrói juntamente com Angola uma nova identidade. O fato de se isolar gera um processo de desenraizamento, tendo ela que abdicar de suas origens, sua cultura e suas crenças, deixando de acreditar nos homens e

sentindo-se completamente excluída da sociedade. Vive em condições precárias, na prisão em que ela mesma construiu.

A vida da personagem estava um caos, sem luz e sem água, os alimentos que teve inicialmente foram doados pelos antigos moradores do prédio, antes da morte de sua irmã. Com o fim desse estoque, o meio de sobrevivência de Ludovica foi caçar pombos no terraço do apartamento e beber água da chuva. Para cozinhar os alimentos, queimava os móveis da casa. Durante o dia, ela usava a luz solar para ler e escrever. A solidão aos poucos a desumanizava.

Como uma maneira de manter sua identidade e suas memórias vivas, ela escreve um diário; no momento em que os papéis acabam, ela começa a escrever com carvão nas paredes do apartamento.

Às vezes penso: enlouqueci. Vi, do terraço, um hipopótamo dançando na varanda do andar ao lado. Ilusão, bem sei, mas ainda assim vi-o. Pode ser fome. Tenho-me alimentado muito mal. [...] Fui feliz nesta casa, certas tardes em que o sol me visitava na cozinha. Sentava-me à mesa. Fantasma vinha e pousava a cabeça no meu regaço. Se ainda tivesse espaço, carvão, e paredes disponíveis, poderia escrever uma Teoria Geral do Esquecimento. Dou-me conta de que transformei o apartamento inteiro num imenso livro. Depois de queimar a biblioteca, depois de eu morrer, ficará só a minha voz. Nesta casa todas as paredes têm a minha boca (AGUALUSA, 2012, p. 77-78).

A ausência que está presente na linguagem é uma tentativa de esquecimento, porém, é essa mesma linguagem que mantém viva a tão aterrorizante memória. Memória e identidade são partes de um mesmo sistema, segundo Candau (2014), elas estão indissoluvelmente ligadas.

Após anos de solidão, de má alimentação, de uma situação precária da existência humana, Ludo, já enfraquecida, fratura uma perna, deixando-a ainda mais debilitada. Não tendo a quem recorrer, sente que está chegando o seu fim, porém de forma inesperada surge Sabalu, um menino negro, pobre e órfão. O menino entrou pela janela do apartamento de Ludo, com a ajuda de um andaime, em busca de objetos para vender. Sabalu acabou criando um vínculo afetivo com a senhora. Ele sabia que ela necessitava de ajuda; “Não tenha medo, avó. Eu te protejo” (Aqualusa, 2012, p. 104). No momento em que esse menino abraça Ludovica, sentimos que a

grande barreira é rompida. Era como se ela tivesse encontrado um filho em Sabalu, e ele encontrado uma mãe.

Ludovica retomou o contato com o mundo exterior, a personagem acabou perdendo a visão, porém é esse fato que a relaciona com a nova identidade. Mesmo estando sem enxergar, ela se sentia parte do novo mundo, como notamos no trecho a seguir:

Escrevo tateando letras. Experiência curiosa, pois não posso ler o que escrevi. Portanto, não escrevo para mim. Para quem escrevo? Escrevo para quem fui. Talvez aquela que deixei um dia persista ainda, em pé e parada e fúnebre, num desvão do tempo – numa curva, numa encruzilhada – e de alguma forma misteriosa consiga ler as linhas que aqui vou traçando, sem os ver. Ludo, querida: sou feliz agora. Cega, vejo melhor do que tu. Choro pela tua cegueira, pela tua infinita estupidez. Teria sido tão fácil abrires a porta, tão fácil saíres para a rua e abraçares a vida. Vejo-te a espreitar pelas janelas, aterrorizada, como uma criança que se debruça sobre a cama, na expectativa de monstros. Monstros, mostra-me os monstros: essas pessoas nas ruas. A minha gente. Lamento tanto o tanto que perdeste. Lamento tanto. Mas não é idêntica a ti a infeliz humanidade? (AGUALUSA, 2012, p. 169-170).

Essa cegueira pode ser compreendida como a incapacidade de enxergar o outro. E que ao invés de criar pontes para superar seus medos e angústias, a personagem criou um muro. Relacionando esse romance com as memórias pós-coloniais, podemos interpretar como uma característica própria das pessoas que vivem essas memórias traumáticas, as quais acabam por construir muros em lugar de pontes.

4.3. NGOLA KILUANJE, DE JOÃO MELO

No conto *Ngola Kiluanje*, do escritor angolano João Melo, publicado na obra *Filhos da Pátria* (2001), o autor se posiciona como narrador-autor, fazendo contextualizações no decorrer da narrativa.

O protagonista do conto é um angolano que vive no Brasil, e acaba estabelecendo um relacionamento com uma moça brasileira. Nesse conto são

problematizados os sentidos de identidade, de resistência e de conflitos raciais. O narrador-personagem norteia o leitor sobre as questões raciais vividas em Angola, porém ele usa de uma leve ironia para falar dessas relações.

Tais relações são discutidas a partir do envolvimento do personagem angolano e de pele branca, chamado António Manuel da Silva, que se relaciona com uma mulher negra militante carioca, chamada Jussara, que se admirou pelo fato de ele ser angolano, porém branco. Jussara começa a chamá-lo de Ngola Kiluanje, porém António diz não precisar de outro nome para assumir sua identidade angolana.

O personagem que nasceu em Angola é um exilado de sua terra, abandonou sua pátria juntamente com seu pai, sua mãe, sua irmã e seus dois irmãos. Antes do fatídico 25 de abril, eles viviam em Huambo. De forma dolorosa, deixaram o país e seguiram rumo a Lisboa, cidade desconhecida para todos de sua família. Durante a viagem sua mãe chorou muito, e seu pai estava com uma postura gélida, como podemos perceber nesse trecho: “Desde então o seu olhar adquiriu um brilho sanguíneo e duro que nunca mais o abandonou” (MELO, 2001, p. 103).

No tempo que permaneceram em Portugal, nem ele nem sua família conseguiram se adaptar à nova realidade, que de certa forma foi imposta a eles. O fato de ainda estarem ligados aos colonizadores portugueses, os fazia reviver diariamente acontecimentos que eles desejavam esquecer, memórias que ficavam ainda mais latentes. Sobre suas memórias do tempo em que esteve em Portugal, ele diz não serem relevantes: “Estivemos em Lisboa tão pouco tempo - menos de um ano-, que esse período da minha vida não tem menor interesse. Aliás, a única coisa que me lembro, dessa época, é que o meu pai estava cada vez mais duro, e a minha mãe, mais triste” (MELO, 2001, p. 103).

Então decidiram partir rumo ao Brasil, o clima do nosso país os encantou, causando uma familiaridade com as terras angolanas. A primeira cidade em que desembarcaram foi Recife, onde permaneceram por alguns anos; logo partiram rumo ao Rio de Janeiro. Mesmo que no Brasil também exista o preconceito racial, eles sentiam-se acolhidos pelos brasileiros.

António, por ser branco, causava estranheza quando dizia ser angolano; sempre que questionado sobre sua nacionalidade ele dizia: “Eu disse ‘angolano, embora branco’. Saiu-me não é um acto falho. A questão é mais complexa.” (MELO, 2001, p.99).

Enfim não há dúvidas de que esta questão é altamente complicada, mas será mesmo que eu, quando disse que “*sou branco e sou angolano*” ou que sou “*angolano embora branco*” (duas expressões que, no fundo, acabam por afirmar a mesma coisa), cometi um acto falho? A verdade é que até Jussara, quando a conheci se admirou pelo facto de eu ser angolano. *Mas você não é preto!* desiludiu-se ela (MELO, 2001, p.99).

O protagonista relata o preconceito que ele sofre ao ser branco e de nacionalidade africana, um dos motivos que resultou na migração de sua família para o Brasil, pois durante a guerra colonial, em Angola, os brancos foram aterrorizados pelos grupos independentistas, e para salvar suas vidas eles abandonaram o país.

Durante a narrativa percebemos o quanto esse fato ocorrido em Angola mexe e de certa forma perturba a vida de seus pais. António sempre desejou regressar para Luanda, ele sentia a necessidade de voltar a sua terra, como se esse regresso fosse um alicerce necessário para a construção de sua identidade. Ele optou por reviver suas memórias, voltar ao seu passado. Seu pai utilizou muitos argumentos para impedir sua partida, o alertava todo momento, que Angola já não era a mesma, que o país continuava em guerra e que o preconceito com os brancos ainda era latente. Nada foi válido, António já havia tomado uma decisão, assim que concluísse o curso de Engenharia iria para Angola. Jussara apoiava a decisão de António, pois sabia o quanto era necessário esse regresso ao passado.

Mas quando lhe revelei, dias depois, a conversa que tinha tido com o meu pai, ela contou-me que, tempos atrás, conhecera um escritor angolano branco que tinha vindo ao Rio participar num simpósio sobre literatura africana em língua portuguesa e que, quando questionado por um militante do Movimento Negro sobre o facto de Angola ter enviado um branco para essa reunião, teve uma resposta de que ela jamais se esqueceu: – Meus senhores, se pensam que vou pedir desculpas por ser branco, estão muito enganados!... (Melo, 2001, p. 114).

Sentindo-se instigada por essa resposta, a Jussara aproximou-se do referido escritor e teve com ele longos papos, sobre Angola. Preconizava ele: — “A verdade é que, agora, os oprimidos apenas têm macaqueado os opressores! Por exemplo, nós, africanos, estamos muito revoltados e inquietos por causa das tendências xenófobas que se registram agora na Europa, mas o que acontece é que repetimos essas mesmas tendências nos nossos próprios países, pois somos incapazes de propor ao mundo uma nova civilização, mais humana... (Melo, 2001, p. 115).

O protagonista volta para Angola, com o objetivo de agregar seus conhecimentos ao país, colaborando com o crescimento e desenvolvimento do continente africano.

Esta viagem tem um significado muito grande, pois António vai em busca de sua identidade, ele sente necessidade de viver e reviver suas memórias e seu passado e ajudar na construção do mesmo. Neste sentido, diz Zinani:

A memória converte-se, então, em recurso fundador de identidade, uma vez que se estrutura nos elementos e nas práticas imediatas e aparentes que estão, tanto na camada superficial ou aparente do cotidiano dos indivíduos quanto nas regiões mais profundas e ignotas, ambas influenciando na consciência de mundo de cada indivíduo (ZINANI, 2010, p. 96).

Por fim, concluímos que a partir do conto, dos romances e relatos familiares analisados, a história que assolava Angola permanece viva e presente não só na vida dos que lá viveram, mas na memória de quem ouviu ou leu essas vivências.

5. O SUJEITO PÓS-COLONIAL E SUAS MEMÓRIAS

A partir das análises das obras literárias, percebemos a importância que a literatura exerce sobre a História de um país, sendo ela um meio do imaginário e podendo fortalecer laços identitários de uma nação.

Tendo como base o tema da guerra colonial e o pós-guerra na África, notamos que mesmo que já tenham se passado décadas do fato ocorrido, ainda existe um grande interesse dos escritores em falar sobre essa temática. Conforme expõe Raquel Ribeiro:

Agora, muitos decidiram escrever sobre isso - sobre como era a vida na colônia, sobre o que perderam, sobre o que ficou, sobre como foi "regressar" e viver com o estigma de "retornado" -, buscando a sua identidade nos meandros de uma memória pessoal que era também uma história coletiva e tentando perceber o que é ser português hoje. Nos últimos anos, têm vindo a lume livros sobre a presença portuguesa em África: diários de guerra, ficções e autobiografias, mas também livros escritos por retornados (ou não) evocando a tragédia da ponte aérea ou as consequências do retorno na vida de muitos portugueses (RIBEIRO, 2010, 90).

Segundo Margarita Calafate Ribeiro (2012), os relatos de pessoas que viveram em Angola nos períodos coloniais e pós-coloniais, têm grande importância na transmissão desses fatos, a escritora julga importante registrar diferentes pontos de vistas, podendo assim transcender barreiras:

Os filhos da ditadura, os filhos dos retornados, aqueles que têm uma memória própria, mas de criança, dos eventos que levaram ao fim do império português em África, ou pós-memórias³ já, ou seja, aqueles que não têm memórias próprias destes eventos, mas que cresceram envolvidos nessas narrativas sem delas terem sido testemunhas (RIBEIRO, 2012, p. 93).

Lembra Candau (2011), recuperando o sentido mítico grego, a história é filha da memória (VEYNE apud CANDAU, 2011, p. 133) e pode ou não legitimar o que a memória funda. Todo historiador participa da construção da memória e nela se

³ O conceito de "pós-memória" foi desenvolvido em meados dos anos 90, no contexto da reflexão sobre o Holocausto, por Marianne Hirsch, que o define do seguinte modo: "Pós-memória' aponta para a relação da segunda geração com experiências marcantes, muitas vezes traumáticas, que são anteriores ao seu nascimento, mas que, não obstante, lhes foram transmitidas de modo tão profundo que parecem constituir memórias em si mesmas." (HIRSCH, 2008, p. 103. Apud Ribeiro, 2012).

encontra enredado, embora deva, por princípio de ofício, permanecer vigilante contra ela.

O conceito de história pós-colonial, que está presente nos romances, aproxima-se de um registro de memória coletiva, sobre a qual o leitor pode refletir, através de uma multiplicidade de vozes. E são esses traços de história que jamais podem ser esquecidos ou ignorados. Nesse sentido, diz Margarita Calafate Ribeiro:

Numa espécie de contra-discurso, não orquestrado como tal, mas que hoje pode ser lido como tal, a ficção portuguesa do pós-25 de abril ia mostrando a importância da memória, não só como essencial à construção da democracia, mas como seu elemento fundamental. De José Cardoso Pires, António Lobo Antunes, Mário de Carvalho, José Saramago, Maria Velho da Costa aos mais jovens Valter Hugo Mãe ou Dulce Maria Cardoso, as dores e as heranças da ditadura são temas; noutra dimensão, o império e sua herança povoam a literatura portuguesa contemporânea, tanto com memórias douradas desse tempo, como com memórias cinzentas da brutalidade do colonialismo e da Guerra Colonial que pôs fim ao império (RIBEIRO, 2012, p. 90).

Conforme Bonnici (2000), literatura pós-colonial pode ser entendida como toda a produção literária dos povos colonizados pelas potências europeias entre os séculos XV e XX.

Nas obras literárias: *O Retorno*, *Filhos da Pátria* e *Teoria Geral do Esquecimento* encontramos representações dos períodos coloniais e pós-colonial, em Angola. As narrativas apresentam as causas, as consequências e as vivências desses períodos, o colonialismo é representado por um período de glória em que Portugal detinha o total poder sobre suas ex-colônias.

Alguns romances, como *O Retorno*, que abordam a temática pós-colonial, recuperam o termo “retornado” para identificar os sujeitos excluídos de suas terras, ou seja, angolanos-portugueses que, com a libertação das províncias ultramarinas, foram obrigados a partir de Angola, rumo a um novo continente. O adjetivo “retornado” foi designado pelos portugueses da metrópole no período de independência de Angola, a partir do momento em que um grande número de angolanos-portugueses desembarcava em Portugal. Porém, esse adjetivo é contraditório, pois como poderiam estar retornando à metrópole se nunca lá estiveram, sujeitos, angolanos por nascimento, mas com raízes portuguesas.

Portugueses que foram considerados “impuros”, pois se miscigenaram e vinham com uma bagagem multicultural, que acaba por perturbar os ditos portugueses. Esses e outros angolanos-portugueses tiveram que abandonar suas casas, suas empresas, seus carros, suas roupas, seus objetos pessoais, enfim, tudo o que haviam adquirido através de seu trabalho, deixar tudo para trás, é algo muito complicado e difícil de aceitar.

Em um dos trechos da obra de Cardoso, percebemos na fala do pai do personagem Rui, a revolta em ter de abandonar todos seus pertences: “Depois de matar a Pirata e de deitar fogo à casa e aos caminhões. Acho que diz isso para não pensarmos que eles se ficam a rir. Eles são os pretos” (CARDOSO, 2013, p. 08). No romance todo podemos observar a instauração de um estigma de duplo viés. Temos o preconceito dos nativos contra os portugueses e vice-versa. Além da questão racial que é emblemática.

Ao analisarmos o desejo do personagem em colocar fogo na casa e matar seu cachorro, para que nada ficasse aos revolucionários, também esconde o fato de essa é uma das maneiras encontradas para tentar apagar suas memórias e sua história na terra angolana. Conforme Calafate Ribeiro:

Memórias e não memórias, silêncio, trauma, recalçamento, mas também exaltação, imaginação, invenção e novidade são assim algum dos pressupostos sobre os quais se ergue a jovem democracia, nascida sobre uma revolução imaginada como pacífica, esquecendo assim de um só golpe, todo sangue de África que ela continha (RIBEIRO, 2012, p. 89).

Desse modo, durante a independência de Angola, estabeleceu-se uma luta política, os revolucionários começavam a aterrorizar a população. Com medo da violência os angolanos viram-se obrigados a abandonar o país, na sua maioria não concordavam com a ideologia política dos revolucionários ou eram sujeitos com a cor de pele branca, que representava a presença do colonizador naquele continente e a miscigenação dessas culturas. O preconceito racial se estabelecia pelas duas partes, tanto os brancos como os negros, que durante a colonização sempre eram vistos como subordinados e inferiores aos brancos. Revolta racial que alimentou o desejo por vingança e destruição. A questão racial permaneceu presente na vida

dos angolanos que deixaram o país rumo à metrópole, como percebemos no trecho a seguir:

Acreditam que os pretos nos puseram de lá para fora porque os explorámos, perdemos tudo mas a culpa foi nossa e não merecemos estar aqui num hotel de cinco estrelas a sermos servidos como éramos lá. Os empregados preferem servir os pretos que nem nos talheres sabem pegar a servir-nos a nós, acham que os pretos são vítimas que ao fim de cinco séculos de opressão ainda tiveram de fugir da guerra (CARDOSO, 2013, p. 91-92).

Percebemos que as pessoas não acreditavam na descolonização, pois Portugal sempre representou riqueza imperial, gloriosa e imponente. Esta onipotência do colonizador é representada através da resistência e da esperança de que o império não chegaria ao fim. A saída em massa por parte dos angolanos foi no final da guerra colonial e início da independência de Angola, pois só nesse período foi estabelecido um maior número de voos para Portugal. Porém, através dos relatos e das narrativas, percebo que essa demora em deixar Angola, era alimentada pela esperança de que o colonizador voltasse ao comando do país.

O sujeito pós-colonial por muitas vezes se sentiu inferiorizado, humilhado e excluído de seu contexto social e cultural e busca a reconstrução de sua identidade, travando uma luta interna, orientado por um desejo de auto reconhecimento. Ao desembarcarem em um novo continente, os portugueses-angolanos se deparam com uma nova cultura e novos costumes, causando uma dificuldade de adaptação perante a nova sociedade. O choque cultural e a insatisfação em relação aos seus projetos pessoais desencadeiam uma crise de identidade.

O afastamento do universo de referências faz com que o exílio pareça com o vazio, ausência, intervalo. As noções de tempo e lugar perdem a nitidez, confundindo o passado e o presente, sobrepondo o país de origem ao de destino, num esforço para manter o que não existe mais. Na impossibilidade de realiza-lo, restou em muitos a angustiante sensação de tempo perdido (ROLLEMBERG apud ZANINI, 2010, p. 114).

Os angolanos que se exilaram em Portugal viviam uma ambivalência, entre ser um retornado e filho da ex-colônia, em meio a um cenário de difícil adaptação,

empenhados em construir sua própria identidade através de memórias vivenciadas ou apenas relatos. Os angolanos já debilitados por estarem longe de sua terra e que lá deixaram todos seus bens, estavam se sentindo excluídos da sociedade portuguesa. De fato, o romance, acima de tudo, mostra o lugar de quem não tem lugar. Angola não é mais o lar de Rui, mas também não é Portugal. Não há como voltar atrás. Assim, Rui e sua família ocupam um entre - lugar. Não se reconhecem como africanos nem tão pouco como europeus. De certo modo, durante todo romance os personagens tentam responder a seguinte questão: quem somos nós?

Analisando do ponto de vista dos portugueses que foram obrigados a receber centenas de milhares de angolanos, na sua grande maioria desempregados, sem moradia e sem dinheiro, destacamos que em Portugal, acabava por ruir o governo salazarista, o país estava saindo de 40 anos de ditadura, havia falta de emprego e crise econômica. Essa ida dos angolanos para a metrópole acarretou em um grande impacto na já abalada economia, o que gerou uma maior revolta nos portugueses perante os “retornados”.

Os relatos familiares servem como fundamento para o discurso histórico e literário, visto que os romances valem-se dessa fonte para contar histórias de vidas, abordando os diferentes aspectos. As obras e os relatos, que analisamos anteriormente, têm como característica relatar as memórias do colonialismo e da descolonização, na voz de quem viveu na pele a voracidade do período de independência de Angola. Dessa forma, as memórias individuais passam a fazer parte de uma totalidade maior. Os relatos mesmo que fragmentados possuem coerência, pois estabelecem uma ligação com os fatos históricos apresentados.

As produções literárias utilizam de relatos e contextos históricos, no entanto não assumem compromisso com a verdade e sim com a verossimilhança, o que materializa seu carácter ficcional.

Essa mistura histórica e cultural, entre colonizado e colonizador, coloca em relevância a construção de identidade, tendo como consequência a formação de identidade própria. Assim como afirma Bonnici: “O hibridismo pós-colonial, com sua subversão da autoridade e a implosão do centro imperial, constrói o novo sujeito pós-colonial” (BONNICI, 2000, p. 18).

A guerra colonial foi de muitas perdas: perda de juventude, de família, perda da vida antes da guerra; perda de país, pelos que optaram por se exilar e emigrar; perda de uma ideologia política aos que manifestavam apoio ao salazarismo e ao império português.

Dos relatos familiares apresentados nesse trabalho, observei que anonimamente estava presente um apoio ao regime dos colonizadores portugueses, mas que ao mesmo tempo existe uma fase de interrogar-se sobre o elevado preço que lhes foi cobrado, e que por muitas vezes o silêncio gerado pela guerra também atinge as gerações de filhos, netos, que eram crianças ou ainda nem era nascidos.

O reflexo destes testemunhos e destes relatos desencadeia as pós-memórias, memórias de quem não testemunhou essas vivências de guerra, mas que construiu essas memórias através de relatos familiares, de fotografias, de mapas e de objetos que repetem a geração anterior. Mesmo que por muitas vezes o silêncio das vivências mais traumáticas oculte alguns fatos vividos, é possível estabelecer uma construção dessas memórias. Segundo Calafate (2012), A pós-memória ou a memória de segunda geração surge, como uma “herança” direta ou indireta de uma experiência traumática, podendo assim ser reelaborada a partir do “testemunho de um testemunho.”

O elo entre os relatos, os testemunhos e a memória, que transcende gerações, constrói o pós-memória ou memória de “herança”, é como se vivenciássemos a guerra, mesmo sem estar lá. Como nos diz Ribeiro:

Aqueles que não têm memórias próprias destes eventos, mas que cresceram envoltos nessas narrativas sem delas terem sido testemunhas. Memórias, pós-memórias que coincidem com o despertar para a vida, com o descobrir do mundo para além da hipotética casa familiar protegida, com o descobrir da diferença etnicamente marcada, com a diferença social habilmente construída (RIBEIRO, 2012, p.95).

As obras que remetem ao tema da guerra colonial, memória e pós-memórias, estabelecem uma estreita relação com a construção da pós-memória. O herdeiro dessas memórias acaba por utilizar desses outros relatos para confrontar ou se

identificar, podendo assim construir a sua própria memória. Ribeiro novamente destaca a importância desses testemunhos:

Desta forma gera-se o pacto de responsabilidade partilhada inerente à funcionalidade da literatura-testemunho e gera-se a obrigação da geração seguinte continuar na busca de respostas para as questões dos seus pais, tentando fazer a síntese entre um excesso de memória individual dos pais, contra a falha da memória coletiva, aquela que no fundo define aquilo que devemos esquecer e o que devemos recordar (RIBEIRO, 2012, p .98).

Podemos assim perceber a importância de transferir esses relatos e não deixar que essas histórias sejam esquecidas e apagadas pela amargura e pela revolta que perduram até hoje em seus angolanos-portugueses.

No momento em que iniciei meu trabalho, comecei a questionar aos meus familiares que vivenciaram o período da guerra colonial em Angola, pois eles possuíam a memória dos fatos e, a partir destes relatos, pude construir minha pós-memória. Porém, me deparei com grandes muralhas construídas pela dor desse passado, que ainda perturba aos que lá estiveram. Como podemos observar no relato a seguir:

Falar de Angola e, sobretudo, sobre uma guerra que me traumatizou para toda a vida. As coisas ficam latentes, mas estão cá. E também não é assim tão linear e simples responder a perguntas. Toda a história que está por escrever e que nunca se escreverá, era a que eu teria para contar. Politicamente incorrecta e indescritível. Eu lamento, mas não consigo pôr em palavras aquilo que tenho no meu subconsciente e que me afectará para toda a vida. Também te digo que ninguém nunca acreditaria em determinados pormenores. Nem os que nos estão mais próximos. É verdade, muito lamentável. (M.H.)

Esta revolta e este silêncio fazem parte de uma memória traumática, mesmo sabendo que ela não pode ser esquecida, o fato de não falar é como se estivessem ocultando a sua identidade, suas raízes. Sabemos que o processo de descolonização foi violento, pois os angolanos negros desejavam eliminar traços que remetiam aos seus colonizadores, como por exemplo, a cor da pele e os traços presentes nessa miscigenação. Segundo o relato de M.C.:

Os povos que, em qualquer período histórico, assumiram as suas independências, poderiam, genericamente, ter aproveitado aquilo

que de bom lhes deixou o colonizador. Tal, no entanto, não aconteceu. Regra geral: verificou-se a destruição maciça e permitida das heranças do passado. Se, por um lado, esse comportamento foi devido à agitação e estado de guerra que se instalou logo após as independências, por outro, e aqui por motivos políticos e de molde a serem evitadas comparações, havia que fazer esquecer todo o passado, destruir deliberadamente tudo aquilo que lhe estava ligado como se, porventura, se pudesse passar uma esponja na história! Foi exatamente isto que sucedeu em Angola.

E a grande maioria dos angolanos-portugueses que se exilaram de Angola, fizeram isto com suas memórias, pois percebo que a todo instante ficou algo a ser dito, a ser relatado no que diz respeito a suas vivências coloniais e pós-coloniais.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o que foi apresentado até agora neste trabalho, percebemos o entrelaçamento entre obra literária, relatos reais e fatos históricos. Percebemos que mesmo com a ampla divulgação de relatos existentes, essas questões ainda são tratadas como tabus. Como disse M.C. em seu depoimento: É vulgar que hoje por conveniência, se adote a técnica da avestruz de cabeça metida na areia, e se evoquem apenas virtudes do presente e defeitos e pecados do passado.

Eu, como herdeira dessas memórias familiares, tive por objetivo compreender os sentimentos de quem viveu diretamente os efeitos da descolonização e pude dialogar com as questões que estão sendo abordadas no âmbito ficcional mais recente. Com a divulgação desses relatos familiares, pude dar visibilidade aos mesmos, evitando assim que eles sejam esquecidos ou até mesmo apagados.

Ao realizar a leitura das obras literárias, aqui apresentadas, posso afirmar que, ao possuir essa pós-memória, minha percepção da obra se torna diferente, o olhar já possui uma bagagem histórica e sentimental. É como se em cada linha, em cada frase, eu pudesse vivenciar aquele passado.

A história que está representada em obras literárias não tem uma relação mimética com a realidade dos fatos, porém suas narrativas fazem parte da construção dessa realidade. A literatura acaba por trabalhar um processo de rememoração que preserva vivas as experiências na África, que através dos personagens revisitam os espaços coloniais, que estão presentes nas memórias familiares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMOPOULOS, Sarah. **Voltar-Memórias do colonialismo e da descolonização**. Lisboa: Planeta, 2012.
- AGUALUSA, José Eduardo. **Teoria geral do esquecimento**. Rio de Janeiro: Foz, 2012.
- BONNICI, Thomas. **O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura**. Maringá: Eduem, 2000.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução Maria Leticia Ferreira. 1.ed., 2º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.
- CARDOSO, Dulce Maria. **O retorno**. 2ª. ed. – Rio de Janeiro: Tinta da China, 2013.
- COUTO, Mia. **O outro pé da sereia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- DIAS, Gaston Souza. **Pioneiros de Angola**. Lisboa: Agencia Geral do Ultramar, 1971.
- DIAS, Gaston Souza. **Paulo Dias de Novais - o Fundador de Angola**. Lisboa: Agencia Geral do Ultramar, 1970.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- MELO, João. **Filhos da pátria**. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- REDINHA, José. **Distribuição étnica de Províncias de Angola**. 4ª ed Etnógrafo, 1967.
- RIBEIRO, Margarida Calafate. **Uma História de Regressos: Império, Guerra Colonial e Pós-Colonialismo**. Porto: Edições Afrontamentos, 2004
- SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença**: a percepção dos estudos culturais. Tomaz Tadeu Silva (Org). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 9.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ZANINI, Cecil Albert. **História da Literatura**: questões contemporâneas. Caxias do Sul, RS: Educs, 2010.

REFERÊNCIAS VIRTUAIS

KHAN, Sheila In: RIBEIRO, Raquel. **Os retornados estão a abrir o baú**. In: Ípsilon online. 2010. Disponível em: <http://fonoteca.cmlisboa.pt/mm/IMG/PUBPERIO/jornais/04614/pdf/100813Ipsilon.pdf>
Acesso em: 12 maio 2015 às 15:00.

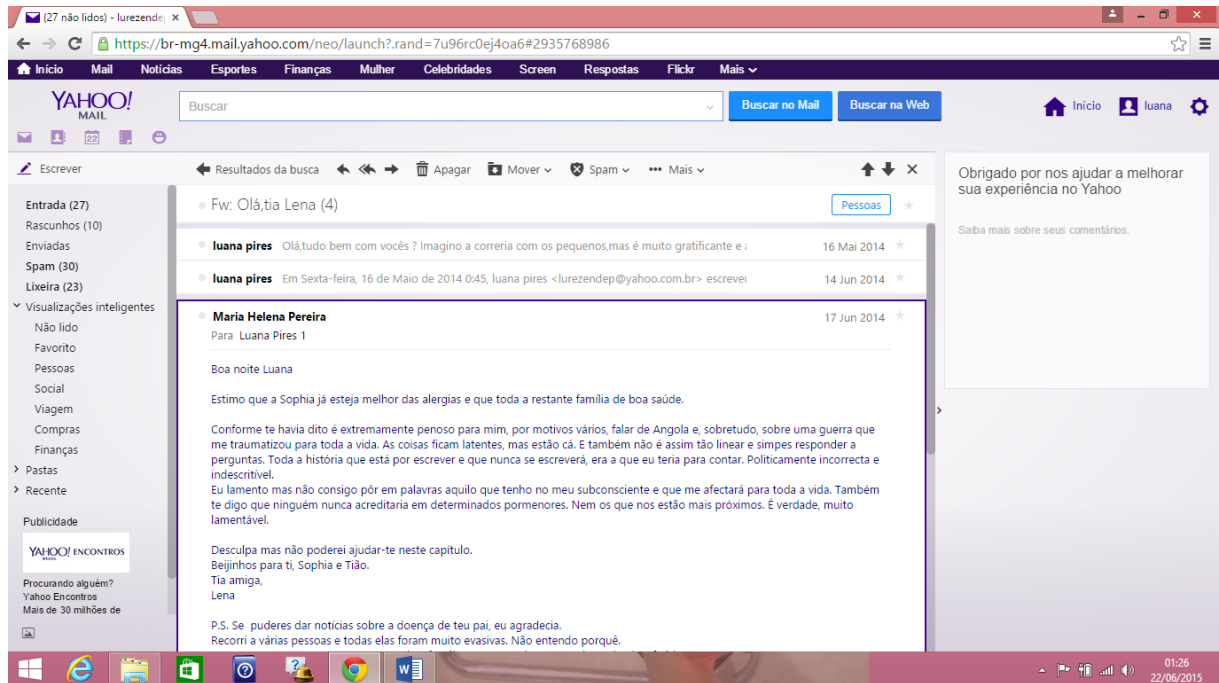
PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Disponível em: <http://purl.pt/13966/3/#/0>. Acesso em: 13 maio 2015 às 14:00.

RIBEIRO, Maragarida Calafate. **O fim da história de regressos e o retorno a África**: leituras da literatura contemporânea portuguesa, p.89. In: BRUGIONI, Joana P.; SARABAND, Andréia; SILVA, Marie-Manelle.(Org). **Itinerâncias Percursos e Representações da Pós-colonialidade**; EDIÇÕES HÚMUS, 2012. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/1097_MCR_fim_hist_reg_Itinerancias.pdf>. Acesso em: 23 outubro 2014 às 22:00.

RIBEIRO, Raquel. **Os retornados estão a abrir o baú**. In: Ípsilon online. 2010, p. 6-12. Disponível em: <http://fonoteca.cmlisboa.pt/mm/IMG/PUBPERIO/jornais/04614/pdf/100813Ipsilon.pdf>
>. Acesso em: 21 maio 2015 às 20:30.

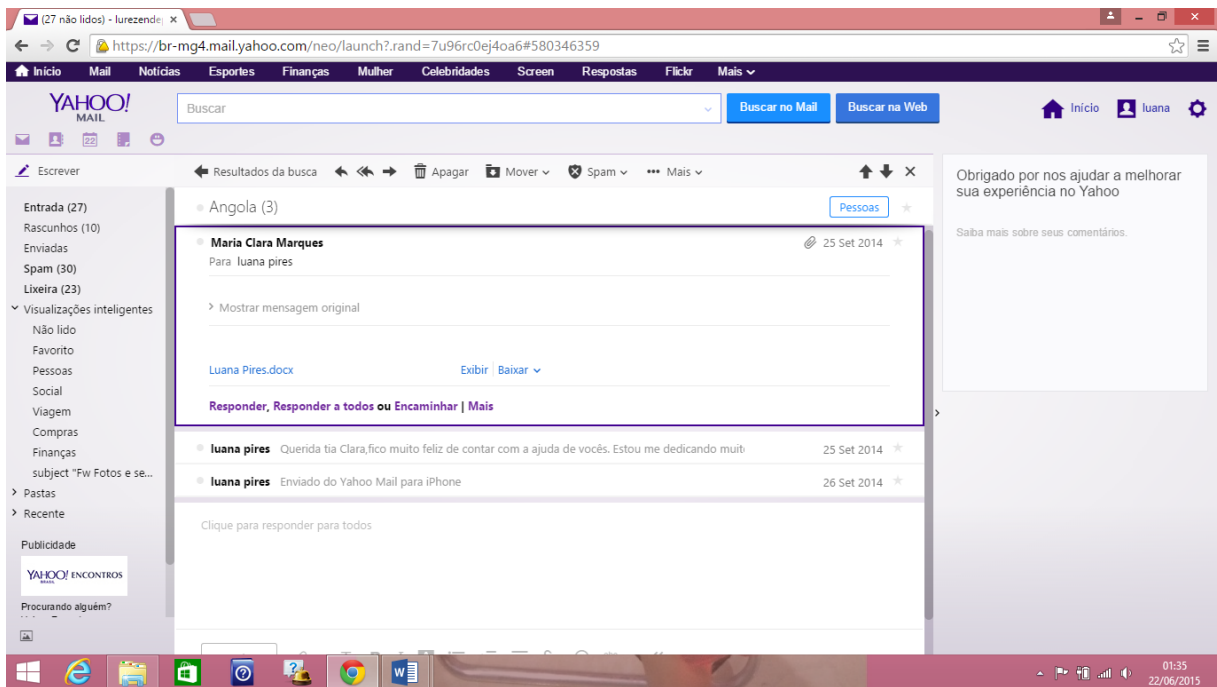
ANEXOS

ANEXO 1: DEPOIMENTO DE M. H. (TIA-AVÓ)



Conforme te havia dito é extremamente penoso para mim, por motivos vários, falar de Angola e, sobretudo, sobre uma guerra que me traumatizou para toda a vida. As coisas ficam latentes, mas estão cá. E também não é assim tão linear e simples responder as perguntas. Toda a história que está por escrever e que nunca se escreverá, era a que eu teria para contar. Politicamente incorrecta e indescritível. Eu lamento, mas não consigo pôr em palavras aquilo que tenho no meu subconsciente e que me afectará para toda a vida. Também te digo que ninguém nunca acreditaria em determinados pormenores. Nem os que nos estão mais próximos. É verdade, muito lamentável.

ANEXO 2: DEPOIMENTO DE M.C. (TIA-AVÓ)



Sem ponta de nostalgia, relatando os factos com verdade, olhos nos olhos, poder-se-á dizer que era gratificante viver em Angola no período anterior à sua independência. A recordação da realidade daqueles tempos, ainda hoje arranca suspiros e lágrimas a brancos e negros ou, pelo menos, ainda os põe a pensar nos pecados e nas virtudes da época.

É vulgar que hoje, por questões de interesse e conveniência, se adote a técnica da avestruz de cabeça metida na areia, e se evoquem apenas virtudes do presente e defeitos e pecados do passado.

Do mesmo modo que foi construído qualquer espaço colonial em qualquer parte do mundo, Angola foi feita à medida dos colonos, neste caso dos portugueses. A colonização foi sempre dimensionada nos moldes do colonizador. Assim, construiu-se um modelo europeu em África.

Naturalmente que a construção desse modelo concorreu para o desenvolvimento socioeconómico, com evolução do ensino, da saúde, da indústria, dos recursos minerais, da agricultura e pecuária, das infraestruturas, etc..

Todos os sectores de atividade foram mexidos numa tentativa de melhoramento que, naturalmente, beneficiou não só os colonizadores, mas também os colonizados.

Do meu ponto de vista, os problemas em África são exclusivamente o reflexo da fraqueza do desenvolvimento sociocultural dos povos, da carência de investimento sério e sustentável principalmente na educação e no ensino.

A riqueza de um país são os seus filhos e esses filhos são tanto melhores quanto melhor for a sua educação.

Cada povo tem a sua maneira de estar na vida e a África subsaariana, como um todo, no seu nível de desenvolvimento atual, com as suas tradições, os seus tabus e fetiches, os seus hábitos e costumes, à luz dos padrões industrializados, terá de ser vista, naturalmente, com respeito e de modo muito particular quando se deseja inovar, modificar ou aperfeiçoar algo do que está instituído ou que foi realizado nos moldes tradicionais.

Os povos que, em qualquer período histórico, assumiram as suas independências, poderiam, genericamente, ter aproveitado aquilo que de bom lhes deixou o colonizador. Tal, no entanto, não aconteceu. Regra geral verificou-se a destruição maciça e permitida das heranças do passado. Se, por um lado, esse comportamento foi devido à agitação e estado de guerra que se instalou logo após as independências, por outro, e aqui por motivos políticos e de molde a serem evitadas comparações, havia que fazer esquecer todo o passado, destruir deliberadamente tudo aquilo que lhe estava ligado como se, porventura, se pudesse passar uma esponja na história! Foi exatamente isto que sucedeu em Angola.

As instituições funcionavam, todos os sectores económicos mexiam. A área mais poderosa era a agricultura e a pecuária, seguida das atividades extrativas e até a indústria já fazia face à maioria das necessidades internas e, a todo o passo, caminhava-se para uma situação de fabrico de bens que pudessem ser confeccionados em Angola, de molde a suprir toda a procura.

De facto, assistia-se a um franco desenvolvimento dos sectores mais produtivos e, para lá de alguma autossuficiência, exportavam-se bens de produção local, como diamantes, petróleo, minérios de ferro e manganês, produtos agrícolas diversos, tais como café do qual Angola era o terceiro produtor mundial, atrás do Brasil e da Colômbia.

Hoje, a todo o momento há notícia de novos investimentos, dinheiros gastos no ensino, múltiplas escolas e universidades, acordos de cooperação com países estrangeiros, etc., mas, em termos reais, o que de facto acontece são “empurrões”, atitudes por impulsos, propaganda política e muito mercantilismo.

Após a independência, Angola ficou refém da produção e exportação de petróleo, que evoluiu espetacularmente com o apoio das multinacionais do ramo. Hoje, produz cerca de 1,6 milhões de barris por dia (1 barril é equivalente a cerca de 159 litros). O preço do barril (bbl) ronda 102 dólares americanos (USD). Assim, a produção/dia, corresponde a USD 163,2 milhões, valor aproximado a USD 60.000 milhões/ano.

As restantes áreas do sector produtivo, a evoluir em bom ritmo no tempo colonial, estão como que dormentes, apenas com sinais de tímida evolução.

Nota-se grande volume de construção (Angola virou um estaleiro de obras) e um comércio progressivo sustentado principalmente por bens de importação e investimento estrangeiro, fenómenos que, aliados às receitas do petróleo e analisados em conformidade com a leitura fria dos números, tem provocado um notável crescimento económico. No entanto, a situação sociocultural das populações não tem acompanhado esse crescimento, conforme facilmente se constata na apreciação do dia-a-dia dos angolanos.

Para se entenderem as transformações e o rumo atual do país, há que rebuscar os factos históricos e procurar aí as causas da situação. A primeira dessas causas foi a guerra colonial seguida logo depois de uma guerra civil.

Os territórios ultramarinos portugueses (Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor) eram vistos oficialmente como partes integrantes de Portugal, como suas províncias, que se fundiam com Portugal continental. Os indivíduos nascidos nesses territórios eram cidadãos portugueses.

Este era o ponto de vista do governo português que não aprovou a sua soberania, embora as restantes potências europeias colonizadoras já o tivessem feito com as suas colónias. Foram sobretudo razões políticas, tais como o receio de as independências colocarem essas parcelas portuguesas na órbita comunista, odiada pelo governo português. Esta opinião prolongou-se no tempo e movimentos nacionalistas passaram a reivindicar a independência junto de organismos internacionais, da ONU, etc. e Portugal foi perdendo terreno, mas nunca renunciou aos seus princípios.

Caminhou-se para a confrontação e em Angola, em 1961, verificou-se a eclosão da guerra colonial, ação dirigida contra o colonialismo português e, portanto, contra os interesses portugueses.

Começou em Luanda, em 4 de fevereiro, com agitação e assalto a prisões, sem grandes consequências pessoais e materiais, mas com algum impacto mediático interno e externo, que era, no fim, o objetivo dos revoltosos. Depois, no mês seguinte, a 15 de março, nova revolta estalou no norte, a umas poucas centenas de quilómetros de Luanda, na província do Uíge, rica em agricultura, nomeadamente café, e desta vez foi bem mais demolidor - foram vários dias de terror, que se arrastaram durante alguns meses. O objetivo era matar, destruir e arrasar tudo o que lembrasse o colono ou estivesse ao seu serviço. Durante os primeiros dias de barbárie, de matança, foram assassinados, a maioria cortados com catanas, cerca de 2.500 brancos e 5.000 negros umbundos (gente do sul, deslocada para norte, utilizada como mão de obra nas roças).

De um lado, tropas regulares de todos os ramos das forças armadas mobilizadas em Angola e em Portugal, do outro, guerrilheiros angolanos e mercenários que tentavam destabilizar. Foi uma guerra de guerrilha que se prolongou por mais treze anos, até 1974.

Esta foi a guerra colonial, que consumiu muitas vidas, mas perfeitamente delimitada. Estranhamente, poder-se-á dizer que foi uma guerra que, em termos económicos teve pouco impacto ou, pelo menos, não teve o impacto esperado pela guerrilha, uma vez que durante toda a sua existência, sabia-se quais as zonas afetadas, onde ela se travava, sempre controlada pelos militares. Na opinião de responsáveis militares, seria uma guerra para durar, ainda com muito pulmão do

lado das forças regulares... Só que os militares, tal como o povo português, foram invadidos por ideias novas e já estavam fartos de guerra.

Em 25 de abril de 1974 houve em Portugal um levantamento militar e o governo e o regime caíram. Foi instalada outra ordem política e foi decidida de imediato a independência de todas as colónias.

Perante o estado de guerra e postas em risco as suas vidas, os cidadãos residentes em Angola, brancos e negros, angolanos e portugueses equacionaram a situação e cada um tomou a atitude que considerou mais aconselhável. Foram tempos difíceis, de difíceis resoluções, onde foi possível verificar de tudo:

Os que partiram à deriva, sem fortuna, apenas com força interior (a maioria).

Os que partiram com alguma fortuna (poucos).

Os que ficaram voluntariamente, apenas na expectativa de melhoras do ambiente (poucos).

Os que ficaram voluntariamente, envolvidos na agitação, à espera de compensação (alguns).

Os que ficaram porque não tinham meios para saírem (muitos, sobretudo negros).

Ao longo de cerca de 1 ano, de avião, de barco ou por via terrestre, saíram de Angola mais de 500.000 pessoas. Foi a debandada conhecida, mas não reconhecida oficialmente, porque os altos responsáveis pelo êxodo ocorrido, ocupavam e continuaram a ocupar, até hoje, altos cargos na República Portuguesa.

O MPLA foi, até aos dias de hoje, o movimento com mais força e desde o princípio da agitação, foi o senhor da guerra. A independência foi marcada para o dia 11 de novembro de 1975. Nesse dia, num contexto de guerra, na comemoração dessa independência que o Brasil reconheceu em primeiro lugar, apenas o MPLA esteve presente. Nem Portugal, que deveria passar o testemunho e reconhecer, nem a FNLA, nem a UNITA, que lutavam entre si e contra o MPLA.

Depois da independência, a luta continuou, o MPLA pediu a Cuba apoio de militares cubanos, a FNLA ficou pelo caminho e a UNITA resistiu até 2002. Nesse ano, em 22 de fevereiro, o líder da UNITA, Jonas Malheiro Savimbi foi intercetado na sua ação de guerrilha e abatido na mata pelas forças do MPLA. No dia 4 de abril de

2002 foi feito finalmente o acordo de paz e acabou a pressão no gatilho! Dia 4 de abril é o Dia da Paz, feriado em Angola! Os angolanos estavam cansados da guerra. Depois dos 13 anos de guerra colonial, aconteceram mais 28 anos de guerra civil. Uma, por motivos políticos, teimosia e patriotismo exacerbado, a outra, por cegueira e ambição do poder. Afinal, acabou por ser tudo tão fácil - em poucos dias, os angolanos deram um abraço e ainda hoje perguntam porque andaram tantos anos aos tiros, de costas voltadas!

Quando se fala da guerra que provocou êxodo, deslocação e desenraizamento, movimentos das pessoas, quer dentro de Angola, quer de Angola para o exterior, fala-se da última, da guerra civil. Começou em 1974/75, com a saída dos colonos e abandono de toda a máquina produtiva que lhes estava associada e durou até 2002 com toda a deslocalização das populações do interior para o litoral, à procura de segurança e de sobrevivência.

Assim, deixou-se cair tudo o que de positivo foi deixado pelos portugueses. Nada foi aproveitado e continuado. A guerra civil foi um lamaçal onde apenas prosperou a corrupção.

Acabada a guerra, vê-se o país a crescer, mas entendo que deveria haver mais vontade política de fazer evoluir os angolanos, através do direcionamento ajustado do investimento material e humano - habitação, escolas e professores de qualidade, hospitais e médicos.

Meu nome, Maria Clara Augusta Ferreira Marques, 66 anos.

Nasci em Luanda em 31 de outubro de 1947.

Cresci em Luanda, onde brinquei e onde estudei com muita felicidade, como qualquer criança nascida num país jovem, com um agregado familiar que trabalhava e que vivia do rendimento do seu trabalho.

Para a juventude, era confortável crescer, estudar e conviver em Luanda, pelo clima, pela proximidade do mar e das praias, pela qualidade de ensino e pela maneira de ser e de estar das pessoas. Era saudável!

Vivi com os pais (Laura e José Ferreira) e três irmãos (Júlia, José e Marília) e, naturalmente, todos tomaram o seu rumo quando casaram. Trabalhei em Luanda numa empresa comercial e depois num banco e casei em 1973, com 25 anos.

Depois do casamento, com residência em Luanda, a pedido do marido (Hernâni Marques), desempreguei-me e passei a cuidar do meu filho (Mário) que nasceu em 1974.

Por várias ocasiões, desloquei-me com o Hernâni ao Lubango, cidade a 1.050 Km. Para sul, onde residiam os meus sogros e cunhados, andámos por aquelas estradas infundáveis a qualquer hora e nunca aconteceu o mínimo problema! Poder-se-ia perguntar - "Mas que guerra é esta, que nos dá esta liberdade?"

Porém, tudo se alterou logo depois com a chamada guerra civil.

Vivemos sempre em Luanda, o Hernâni trabalhava numa empresa internacional de auditoria e o Mário nasceu em Junho de 1974, no início das confrontações dos movimentos armados.

Como poderíamos vir a criar o nosso filho naquele ambiente?... E porque não esperamos que a situação melhore?... E fomos aguentando, aguentando sempre com a desordem diária, com tiroteio e rebentamentos de várias armas dentro da cidade, bombardeamentos de casas e prédios, noite e dia!... Mas a guerra não é só o medo provocado pelos estrondos, é principalmente os medos transmitidos pelo boato... - "Dizem isto, dizem aquilo, vão fazer isto e mais aquilo"... É um inferno!

No meio da agitação galopante decorrente do estado de guerra que rapidamente se instalou, a qual os governantes preferiram manhosamente ‘deixar andar’, o Mário adoeceu com asma, o oxigénio de que precisava começou a faltar e, um dia, do médico pediatra assistente veio o óbvio alerta - “O vosso filho precisa de oxigénio, já se bombardeiam hospitais, perdeu-se o respeito pela vida humana... o melhor que vocês, pais, podem e devem fazer, é tirar o menino deste inferno e, se puderem, ponham-no em Portugal!”. Assim se fez. Preparámos a saída, primeiro eu e o filho e, passado um mês, o Hernâni. Ao fim de dez anos em Angola, o cidadão e contribuinte português Hernâni Marques e a família, por insistência da minha mãe que colaborou a juntar alguns pertences, fizeram um caixote de um metro cúbico com um fogão de gás e mais uma tarecada de baixo preço.

Viajámos de avião, com muitas dificuldades para obtenção de bilhetes, atendendo a tanta procura! O Homem é, geneticamente, inimigo da guerra e logo que pode, volta-lhe as costas.

Decorria o ano de 1975, agosto, e os empregos em Portugal estavam difíceis. Por outro lado, em Portugal, vivia-se um ambiente de pré-guerra civil... ninguém se entendia! Depois de alguns meses de algum sufoco, com passagem por habitações precárias em Viseu e em Lisboa e muita interrogação no espírito, o Hernâni conseguiu, finalmente, colocação na Gillette Portuguesa, em Lisboa.

Junto um extrato de uma passagem da autobiografia do Hernâni, daquela época:

‘... A despeito dos infortúnios, iniciei naquele ano (1976) a minha atividade profissional na Gillette Portuguesa e passámos a viver numa casa arrendada na Costa de Caparica.

O meu curso que, em Luanda, se arrastava devagar mas seguramente, teve de ser reiniciado em Lisboa no Instituto Superior de Contabilidade e Administração (ISCAL). Na mudança, houve entretanto em Portugal a reforma do ensino e, do curso antigo, do qual me faltavam apenas duas cadeiras para terminar, só me deram equivalência a três cadeiras e tive de voltar ao primeiro ano! Foi de facto um reinício... que grande seca!

Houve momentos de desânimo e de desespero, mas interiorizei que tinha de fazer e acabar! O ritmo de Luanda havia terminado! Com determinação e com a força e o apoio da Maria Clara, lá fui avançando, vencendo etapas e, por fim, a conclusão. Foram três anos duros, demolidores, vencidos pelo querer e pela juventude. De segunda a sexta-feira saía do serviço no Campo de Santana às dezoito horas, subia a pé até ao ISCAL na Rua Miguel Bombarda, transversal à Avenida da República, para as aulas das dezoito e trinta até às vinte e três. Seguiu-se uma caminhada até à Praça de Espanha para apanhar a última camioneta para a Costa de Caparica com passagem pelo Pragal. Já passava da meia-noite quando chegava a casa, com a Maria Clara de atalaia para me servir uma sopa quente antes de dormir umas curtas horas. Via diariamente o Mário a dormir e a crescer. No sábado havia sempre uma exclamação de prazer, própria de quem passa muito tempo sem se ver - “Olha o meu pai!...”

Não foi fácil a adaptação. As relações pessoais e laborais, a maneira de ser e de estar das pessoas, os seus hábitos e costumes e a diferença de horizontes, mexiam diariamente comigo e punham-me a pensar na minha entrega naquelas condições e nas respetivas contrapartidas.

A Gillette foi sacudida pelos retornados, a retornadagem, como depreciativamente eram tratados os regressados das ex-colónias. Entraram para aquela empresa alguns retornados que ocuparam lugares de chefia, como era o meu caso, chefe do departamento de contabilidade, do meu colega nos auditores Celestino Santos, diretor financeiro, do Júlio Valério, trabalhador na Mobil, em Luanda e ali chefe do departamento de crédito, e outros. Por formação, mas também por hábitos adquiridos no desempenho de atividades em países jovens e de horizontes largos, foram impostas na Gillette algumas regras e comportamentos que colidiram frontalmente com o que estava instituído desde o tempo do Afonso Henriques num país de vinhas à beira mar plantado, na chamada ocidental praia lusitana.

Estava na moda o sentimento de esquerda, pacóvio e brejeiro, então a viver os resquícios do vinte e cinco de abril, acontecido dois anos antes. - “Vem p’ra cá esta retornadagem... pensam que ainda estão nas minas do petróleo com o chicote

na mão!...”, este um apanhado que ouvi uma vez nos corredores da empresa, revelador da consciência e do atraso da época.

Foram anos de movimento numa luta igual à da grande maioria dos portugueses com a correria diária para os transportes, o trabalho, o almoço apressado, mais trabalho, o regresso, a família e, finalmente, o fim-de-semana, numa sucessão onde a mudança mais notada foi o encarquilhar da lombeira e o branqueamento dos cabelos.’

Apesar de ter um emprego estável em Portugal, Angola e a liberdade ali vivida, os largos horizontes e as relações de convivência e de trabalho, não saíam do nosso espírito. Ao fim de sete anos, o Hernâni resolveu regressar e foi trabalhar para a mesma empresa de auditores, onde tinha entrado quinze anos antes. Agora, tratava-se de amor e, naturalmente, de dinheiro...

Nem Angola nem a empresa eram como dantes. Tudo fora alterado. Com a guerra civil, Angola passou a ser um país de circulação vigiada, cheia de controlos e com carências de toda a ordem, com racionamento de bens, situação apenas suprida com o acesso a lojas especiais. Verificou-se um êxodo das populações do mato para as cidades, à procura da sobrevivência.

Entretanto, foram sendo criadas algumas condições em Luanda, arranjaram-se novos amigos e aluguer de casa. A Escola Portuguesa em Luanda apresentava boas condições e, em 1988, eu e o Mário fomos viver para Luanda. O Mário, 15 anos, foi frequentar o 9º. ano. Ficámos de novo juntos até 1992, quando o Mário foi estudar na universidade em Lisboa e eu passei a ficar dividida temporariamente entre Portugal e Angola.

Os anos foram passando e, sendo o Homem um animal de hábitos, hoje, o Hernâni continua a trabalhar em Luanda. Porque gosta, porque fez lá amigos e porque faz o que gosta de fazer e recebe por isso.

No decorrer dos anos na década de 90, com o fim do recolher obrigatório, a abertura política ao leque multipartidário e a retirada dos militares cubanos, a vida e o ritmo em Angola, nomeadamente em Luanda, passaram a ser outros, viu-se mais circulação, mais agitação, mais insegurança. Por duas vezes fui assaltado à mão armada, uma à porta de casa, com tiro de pistola rasante e extorsão do carro, e outra no escritório, com intimidação e roubo de alguns valores, tudo consonante com

o ambiente social, sempre num crescendo de bocas, tais como - “Oh branco, vai na tua terra!”, ‘piropos’ universais de várias línguas e cores, racistas, próprios de gente lerda e impreparada, que sempre senti com desprezo.

Os últimos anos em Luanda foram porventura os mais tristes, desolantes e parados de quantos passei nesta terra.

... porque, à medida que fui envelhecendo e Luanda se foi transformando numa selva, as idas à praia, à esplanada do cinema Miramar, aos bares Ponto Final, Ilha Mar, Cafago e à Chicala com visitas ao quintal da Mingota e ao poiso dos cabo-verdianos para umas cervejas e umas mornas, enfim, a livre circulação, foram espaçando e desapareceram.

Luanda, vista e julgada apenas no asfalto e no cimento, é fricção, é chauvinismo a roçar a xenofobia, é ostentação insustentável plena de ‘banga’ a ‘armar ao fino’, é egoísmo, é arrogância, é hostilidade, é iliteracia, é, afinal, uma pegada falta de educação, é paciência!

O formigueiro humano do desenrasca e do safe-se quem puder; o trânsito em contramão com indulto absoluto para as motos que simplesmente desprezam os sinais de trânsito e circulam livremente nos passeios, por vezes a fazerem, mesmo ali, ‘cavalinho’; a compacta obstrução dos passeios e outros locais reservados aos peões com veículos de todo o tipo, obrigando os lídimos utilizadores daqueles espaços a fazerem gincana e os mais diversos serpenteios entre as latas estacionadas ou em movimento; a condução desastrosa dos candongueiros no rasto implacável dos Kwanzas; a fuga à polícia municipal de quem, para sobreviver, vende nas ruas, limitando-se simplesmente a observar a passagem das mercadorias para outras mãos, para as mãos de quem extorque ao abrigo de uma farda, sem o garante da contribuição do apresamento para o bem comum e sem alternativa séria de venda em locais apropriados; a circulação com transmissores de som ligados no máximo e escapes abertos a qualquer hora, com o conseqüente disparo dos alarmes das viaturas estacionadas, ao arrepio do sono e do descanso merecido dos cidadãos; as madrugadas estremecidas com buzinas, algazarra, discussão e briga de gente que sai de discotecas e de pontos de venda de bebidas; a pulverização sonora das festas no quintal ou no apartamento do lado até ao sol do dia seguinte; o fechar a circulação de veículos com estacionamento anárquicos atrás ou nas

passagens de acesso ou de saída; o esgalhar desorientado das frondosas árvores de ambiente e sombreamento das ruas da cidade, às quais o sujeito comum, por hábito e formação, já chama paus, e o seu abate por motivos fúteis, sempre visto como coisa trivial e irrelevante, como se fosse mais um madeiro ou um apelidado pau imprestável que tombasse do mesmo modo que uma qualquer erva daninha; as ruas e passeios esburacados com águas de esgoto pestilentas e mal cheirosas; os odores ácidos das mijas desaguadas em quaisquer locais mais ou menos sombrios; as costumeiras faltas de água e de luz e a cobrança de consumos ‘por estimativa’, com total despreço pelos cortes ocorridos, tal como se de abastecimentos regulares se tratassem; a todo o tempo, o cagaçal dos geradores...

E ainda como que a puxar pelo porte dos profissionais no terreno, esta confusão generalizada e os vulgares cortes de circuitos que, à partida, foram instituídos com carácter perene, arrastam a hábitos que depressa passam a vícios, apoiados nas mentalidades correntes. Nota-se muito à-vontade, até algum prazer nos funcionários das empresas, dos bancos, das repartições, quando informam com desembaraço e sem chispa de pesar, como quem se vê envolvido numa banal e controlada interrupção - “Não há sistema!”, ou - “Já encerrou! Amanhã!”.

Qualquer cidadão minimamente atento nota que as faltas de sistema informático ocorrem quantas vezes repetidamente nos mesmos dias da semana, de preferência na segunda-feira de manhã ou na sexta à tarde e o encerramento chega a suceder antes da hora afixada em horário, embora o início das atividades, regra geral, se verifique com atraso, não só na abertura das portas, mas também na chegada do pessoal.

A encerrar este peculiar pacote, o pregão-tapume à laia de biombo, cantado na rádio e na televisão:

- “Angola faz, Angola faz, com a sua gente!”.

Isto é Luanda!

Toda esta fervura passa ao lado de quem, por detrás de um contrato, de uma companhia, de um ‘esquema’ ou negociata e de criadagem arranjada a qualquer preço, faz a sua vida longe do grande povo, nada partilhando com ele e com a Luanda profunda, apenas à espera do exaurir do tempo e da recolha dos bem ou

mal merecidos proventos que, ao seu serviço, o poderão constituir mais ou menos soberbo e alarve, consoante a sua vontade, posta no grau e no padrão da sua exibição.

As leis existem e a constituição do país é vanguardista, mas a todo o momento se assiste à subversão do estado de direito... é o deixa andar, é a institucionalização da gratificante moleza.

Dizem que a insegurança e a confusão são próprias de uma cidade grande. Pois são! Mas tais características esquivam-se aos melhores padrões do desenvolvimento e da civilização.

É tudo questão de educação e de vontade e, como não há mal que sempre dure, ainda acredito que, com muito tempo, se venham a registar manifestas melhoras. Afinal, reconheçamos, estas são apenas mazelas de país jovem com muita gente jovem carente de arrumação e de hábitos que somente uma aturada educação poderá transmitir.

Tenho, aliás, bons apontamentos de uns quantos jovens, excelentes profissionais, ávidos de conhecimento, hoje um pequeno núcleo que, disseminado, multiplicado, poderá criar sólidas raízes e vir a ser reconhecido como esteio natural da sociedade angolana.'

ANEXO 3: FRAGMENTOS DE DEPOIMENTO EM ÁUDIO (AVÔ)

“ Eu nasci em 30 de setembro de 1939, na Freguesia da Conceição, no Hospital Maria Pia, na cidade de São Paulo de Assunção de Luanda. Tempos remotos que faz parte do descobrindo de Angola em que a África fez parte da expansão europeia.

Meus primeiros familiares a irem para Angola, foi meu avô paterno que foi governador do estado em Angola, que tinha a carreira administrativa. E meu avô materno que foi Topógrafo, chefe do Ministério das Colônias, que começou sua carreira na Índia, da Índia foi para Moçambique, depois para São Tomé e logo foi

para Angola, ele trazia consigo minha mãe, uma moça bonita chamada Maria da Graça.

Tive toda minha juventude em África. Estudei no Liceu de Salvador Correia, que não era o curso que eu queria, um tinha uma visão mais prática dos estudos. Fui estudar na Escola Comercial Vicente Ferreira, antes chamada Escola Comercial de Luanda.

Toda minha juventude foi associada a lideranças juvenis, eu fui líder de um movimento chamado Mocidade Portuguesa, criado em 1936. Eu comecei como Luzito, depois passei a Infante, Cadete, segui toda carreira de graduação dessa organização. Tive uma conquista muito interessante, muito especial, fui o Primeiro Comandante Falange, ou seja, um líder máximo da juventude, criado na África, e todos os outros eram da metrópole, da mãe pátria. Eu fui representar Angola em um acampamento das comemorações do vigésimo aniversário da Mocidade Portuguesa em 1956. Tive a possibilidade e organizei a primeira conferência provincial de graduados de Angola, onde nós jovens definíamos para o governo português, o que pensávamos sobre a África e a revolução da África e suas necessidades. Foi uma conquista muito boa.

Como perfil de jovem eu fui um organizador de diversas excursões de alunos e festas finalistas. Percorri Angola de uma ponta a outra, e nas minhas férias eu acompanhei meu pai, que além de ser diretor do departamento de estatística foi ele que fez o senso de 40, 50, 60. Ele era um amador fotográfico, adorava fotografar e filmava também. Ele fazia parte de uma equipe que estudava as potencialidades da África e de Angola. Era ele um pintor chamado Neves de Souza, que é o autor desses quadros que você encontra aqui em casa, juntamente com eles um Jornalista chamado Ferreira da Costa. E eu, nas minhas férias acompanhava eles nas expedições, tive a oportunidade de conhecer a história da África através desse jornalista e testemunhar toda a expedição. Durante esse período ajudei o meu pai na elaboração do Livro Álbum de Luanda, no qual aparece algumas fotografias minhas, esse livro foi editado pelo centro de turismo.

O pai como já disse foi diretor do Departamento de Estatística, eu também ainda jovem pude acompanhar alguns de seus trabalhos de estatística, o pai editou o 1º, 2º e o 3º senso da população de Angola, que eram feitos com equipamento

especializado com computadores IBMS. Eu acompanhei todo esse trabalho e tive uma aproximação com números e também pude compreender a distribuição geográfica de Angola.

Também convivi com um especialista chamado José Redinha, que fez um trabalho muito interessante, sobre a distribuição étnica da província de Angola. Patrocinado pelo centro de turismo na época.

Quando completei dezoitos anos fui assessor do diretor do Departamento de Economia, e pude acompanhar o desenvolvimento econômico do país e suas indústrias. Em ano de 1960, ingressei no exército português e fui incorporado na unidade de Cavalaria de Reconhecimento Especializado, até 1964.

Me especializei em carros blindados, vindos a OTA para Angola, era para ficar dezoitos meses, mas por condições da África e por ter arreventado o terrorismo em Angola, eu acabei por ficar incorporado por 46 meses, nesse tempo tive intervenções militares, principalmente no norte de Angola, nas fazendas, onde houve uma fase do terrorismo, que era um terrorismo massacrante, que matavam e mutilavam.

Eu participei de todo esse fenômeno local, defendendo o exército português e a colonização portuguesa e tentando pacificar. Nossa unidade era de reconhecimento e tentativa de pacificação local.

A África é um continente rico, tem um subsolo riquíssimo e tem um solo fértil. Tem bastante água e uma costa grande com o potencial piscatório, com correntes quente e fria. A África nasceu negra e os colonizadores de várias nações foram para lá. A África foi dividida em figuras geométricas, se você olhar para os mapas antigos vais perceber triângulos, losangos, quadrado, e dentro de alguns desses espaços encontramos vários grupos nômades de diferentes etnias e que não se miscigenavam e se respeitavam. Essas tribos foram incentivadas pelas grandes forças econômicas a lutarem pela independência, porém incentivando a violência brutal.

O FNLA vinha da parte norte de Cabinda, no Congo Belga, era financiada pelo pessoal do petróleo, pelos belgas. A UNITA no sul de Angola, era financiada pelos chineses e o centro o MPLA, era financiado por Cuba como ponta de lança da Rússia.

Eu me casei com a sua avó Julia em dezembro de 1962, sua avó era minha vizinha, ela morava na casa da frente. Casamos na Igreja Paróquia do Carmo, na cidade de Luanda, teu pai nasceu no ano de 1964, e teu tio em 1966. Vivíamos muito bem em Angola, teu pai e tio estudaram em escolas particulares.

Decidimos sair de Angola, pois não havia mais segurança, a todo instante ouvíamos tiros, assaltos nas escolas e bombardeios em supermercados. Principalmente havia falta de segurança e um descaso total do governo português, que não dava proteção aos filhos da terra.

O massacre ocorria principalmente com os brancos, eles matavam e cortavam os seios das mulheres como se fossem bifés e introduziam pedaços de madeira em seu órgão sexual, aos homens eles cortavam o escroto e o punham na boca. Esse terrorismo foi instaurado para espantar as pessoas, tornar a vida insuportável no interior. Depois foi se tornando uma disputa bélica entre os partidos, eles avançaram por todas cidades.

Eu conheci o outro lado, eu assisti ao que eles faziam, como se tratavam entre eles, mesmo os negros, eles eram bárbaros uns com outros, o que estava condenado a morte cavava a sua própria cova e tinha sua cabeça decepada e penduravam nas árvores. Para obter confissão de alguns companheiros, eles encostavam brasa quente em suas barrigas.

Como já havia lhe falado existiam em Angola grupos tribais, os bantos e os não bantos, era tribos que não se miscigenavam, mas se respeitavam.

Em relação às obras que tu lestes, são obras literária e são um *bocado* romanceadas.”